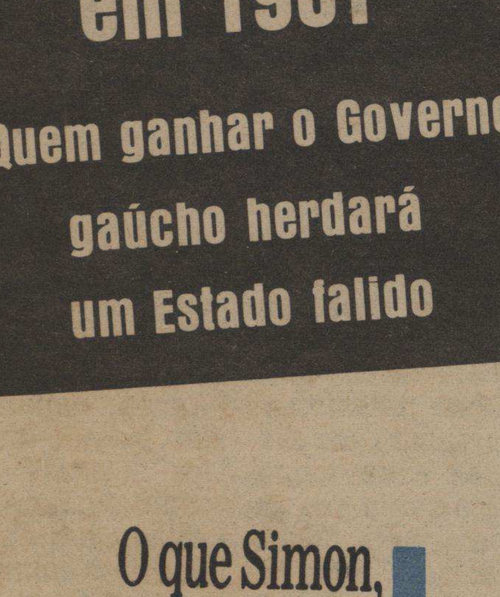
nº 77 — Ano VIII — Novembro

Cr$ 180,00

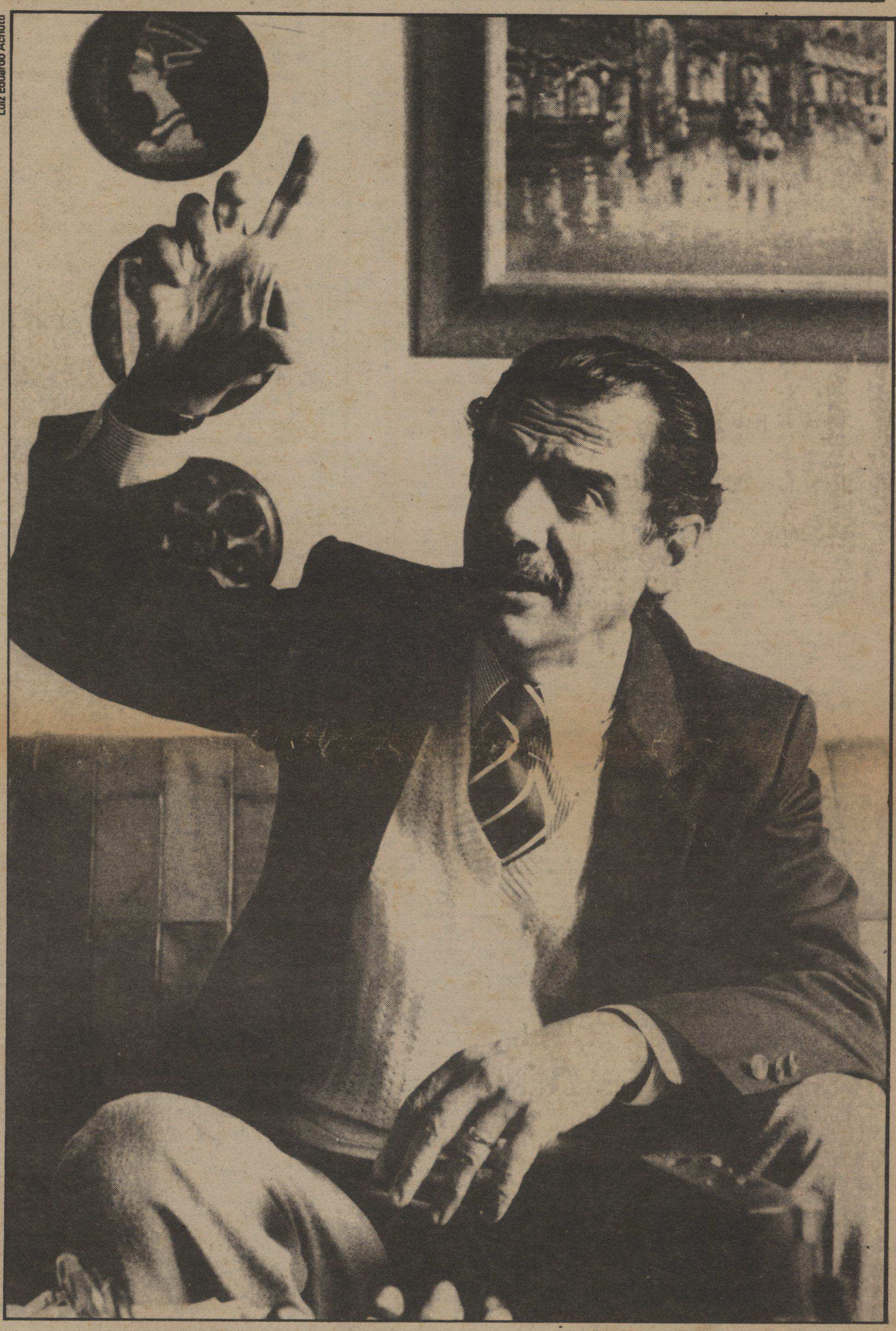
coojornal

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Gabriel Garcia Marques dá o Nobel da Morte para Beguin e Sharon



Luiz Eduardo Achutti



Cr$ 37,8 bilhões foi o déficit do Governo gaúcho em 1981

Quem ganhar o Governo gaúcho herdará um Estado falido

O que Simon, Jair, Collares e Ólívio pensam sobre Deus, homossexualismo, maconha e aborto.

SIMON:

"É hora da frente!"

Expediente

Diretor Editor
Osmar Trindade
Editores
Rafael Guimaraens, Antonio Oliveira, Marcelo Lopes, Luiz Eduardo Achutti (fotografia) e Edgar Vasques (arte)
Participaram desta edição
Luis Antonio Pinheiro (diagramação), Ana Moussalle, Marco Antonio Shuster, Lucia Fontanive, Sérgio Becker, Licínio Azevedo, Delmar Marques, Luiz Pilla Vares, Clotilde Barcelos, José Antonio Pinheiro Machado, Mônica Antonitsch, Tânia Faillace, Luiz Carlos Merten, Flávio Battistelli, Julieta Nunes, Santiago, Michel Drouillon, Schröder, Wilmarx, Daniel de Andrade, Marco Antonio Ritter, Jurandir Silveira, Carlos Alberto da Silva, Edson Soyaux, Eduardo Guimaraens, João Onófrio.
Endereço
Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Porto Alegr, RS

Associado à AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas do Cooperativismo

Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em Assembléia Geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital tem os mesmos direitos nas decisões da assembléia.
ASSOCIADOS:
Osmar B. Trindade (**Presidente**), Antonio M. de Oliveira (**Vice-Presidente**), Carlos Rafael Guimarães Filho (**Secretário**), Afonso Ritter, Carlos R. Dornelles, Danilo S. Ucha, Luiz Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice D. Aquistapace, Jorge A. Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel A. Canabarro e Tomás I. Pereira (**Conselheiros de Administração**); Eduardo A. Tavares, Francisco Daniel L. da Silva, Roberto D'Azevedo, Flávio S. Schubert, Elaine L. Lerner, Remi A. Baldasso (**Conselheiros Fiscais**); Daniel de Andrade Simões, Edgar L. Vasques da Silva, Fernando A. Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge F. Gallina, José A. Pinheiro Machado, Juarez A. Fonseca, Luiz Carlos Merten, e Valdir da Silva (**Conselheiros de Edição**);Acari Amorim, Adalberto Correa de Lemos, Adélia Y. Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Ademir T. Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo B. Correa, Afonso R. Licks, Agnese Schiffino, Airton Muller, Alberto André, Alberto H. Blum, Alberto M. Figueiras, Alceu M. Nogueira, Alda S. Souza, Afonso Abraham Llerene, Alfredo C. Fedrizzi, Alice I. Urbim, Amaro Dornelles, Amauri M. Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana M. Riviello, Ana Maria Smidt, André Jockymann, Ângela Riccordi, Ângela Santamgelo, Ângelo R. Dias da Silva, Aníbal C. Bendati, Anilson G. da Costa, Anna Maria T. Magalhães, Antonio A. de Oliveira, Antonio Britto Filho, Antonio C. Esteves, Antonio C. Paulino, Antonio F. Gonzales, Antonio I. Dreon Peres, Antonio Vargas, Antonio R. Teixeira Júnior, Ari S. Teixeira, Ariosto A. Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral Rollemberg, Armindo A. Ranzolin, Arthur T. Monteiro, Artur P. da Silva, Artur S. Poester, Ataides L. Miranda da Silva, Augustinho M. Licks, Avani Maenfeld, Ayrton Kanitz, Ayrton J. Centeno, Beatriz M. Rosa, Beatriz S. Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete S. Viana, Bernardete D. Schmitt, Bruno A. Ferreira, Cândido A. Cruz, Carla I. Irigaray, Carlos Alberto Kolecza, Carlos A. Maya Fruet, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre G. Castro, Carlos Alfredo S. Silva, Carlos A. Muller, Carlos E. Athanazio, Carlos F. Karnas, Carlos Frederico Mentz, Carlos Gerbase, Carlos H. Bastos, Carlos M. Fehlberg, Carlos M. Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos R. Silveira, Carmem R. Cagno, Carmem S. Rial, Celso A. Rosa, Celso A. Schröder, Cid Pinheiro Cabral, Cinara C. Lima, Ciro Dias dos Reis, Cintia M. Leal, Claiton J. Selistre, Clarice L. Giorgi, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Cláudia Quinto, Cléa M. Motti, Clóvis Heberle, Clóvis O. Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro G. Canabarro, Delmar Marques Correa, Divino V. Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna S. Della Nina, Edson G. Chaves Filho, Edson S. Kosminski, Eduardo R. Bueno, Eduardo S. San Martin, Eduardo Soares Guimaraens, Elaine E. Lerner, Eleonora A. Canto de Lucena, Elisabete P. Portugal, Elisabeth Copetti, Elmar Bones da Costa, Eloisa Enck Gonçalves, Elser E. Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torma, Erni C. Quaresma, Euclides P. Torres, Eugênio B. Bortolon, Eugênio F. Neves, Eva M. Caparelli, Evaldo J. Gonçalves, Evelyn Berg Ioschpe, Evilázio B. Oliveira, Fátima R. Torri, Fernando O. Lindote, Fernando Guedes, Fernando S. Saes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello. Flávio A. Dutra. Floreal R. Rosa. Floriano H. Correa. Francisco C. Ribeiro. Francisco D. Lopes, Francisco J. Karam, Francisco Juska Filho, Francisco Paulo Santana, Gabriel V. Mathias, Geanoni M. Peixoto, Gecy N. Belmonte, Geraldo Hasse, Gerson L. Schirmer, Gilberto L. Pauletti, Gilberto O. Leal, Glauco da Cruz Brandão, Gomercindo Lins Coutinho, Guilherme P. Souza, Guisleno Baru F. Derquim, Gustavo F. Moritz, Haroldo A. Silva, Hedi Moema L. Bauer, Heidy Gerhardt, Hélcio A. Pereira, Hélio C. Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloisa Cé, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo P. Macedo, Higino C. Barros, Hiltor P. Mombach, Hiron C. Goidanich, Humberto A. Monteiro, Humberto Andreatta, Iara A. Bendati, Iara T. Pereira, Iaraporan V. Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda C. Bernardi, Ignês Pletsch, Ilgo J. Wink Filho, Iliza M. Girardi, Imara Stallbaum, Ivan G. Pinheiro Machado, Ivo Egon Sttigger, Jaime Klintowicz, Jaime Sautchuck, Jandira A. Feijó, Jandira M. Cesar, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, João Batista Marçal, João Batista Scalco, João C. da Silva, João R. Muniz, João P. Lacerda, Jorge B. Meditsch, Jorge Baumann, Jorge D. Escosteguy, Jorge M. Gomes, Jorge O Carvalho Leite, Jorge O. da Silva, Jorge R. Freitas, Jorge S. Miranda Netto, José Antonio F. Ribeiro, José Antonio Severo, José Antonio S. Silva, José A. Pinto Netto, José A. Flores, José Danter Ripoll, José Emanuel G. Mattos, José Enedir Francisco, José Erasmo Nascentes, José Félix R. Valente, José Guaraci Fraga, José H. Mitchell, José Lauro D. Siqueira, José L. Lima, José Luiz G. Prévidi, José L. Chiarelli, José Marcelo L. Pontes, José Onofre Jardim, José R. Araújo, José R. Fontes, José R. Silva, José Roberto Garcez, José S. Fonseca, José T. Abu-Jamra, Juan Carlos Gomez, Judith M. Costa, Julieta A. Nunes, Júlio José Chiavenatto, Júlio T. Sortica, Jurandir S. Silveira, Jussara C. Coelho, Laerte B. de Franceschi, Laerte C. Martins, Laerte D. Meliga, Laila M. Pinheiro, Lauro J. Quadros, Léa M. Aragón, Lenora M. Vargas, Léo Tavejhansky, Leonardo B. Dourado, Leonid Streliaev, Licínio S. Azevedo, Lilian Bem David, Linda C. Sarturi, Leonora Paim, Lourival Vianna da Silva, Lotário Neuberger, Lucila S. Camargo, Luiz Alberto L. Arteche, Luiz A. Scotto de Almeida, Luiz A. Vidal, Luiz A. Corazza, Luiz Antonio Duarte, Luiz A. Kosminski, Luiz Antonio Pinheiro, Luiz Carlos R. Felizardo, Luiz Carlos S. Mello, Luiz Carlos F. Ferreira, Luiz C. Miranda, Luiz Carlos O. Almeida, Luiz Claudio F. Cunha, Luiz Eduardo R. Achutti, Luiz F. Vilaverde, Luiz F. Lima, Luiz F. Flores, Luiz F. Silva, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz C. Fonseca, Luiz G. Gonçalves, Luiz Humberto M. Pereira, Luiz Inácio F. Castro, Luiz O. Matzembacher, Luiz P. Pilla Vares, Luiz Paulo R. Daudt, Luiz Recena Grassi, Luiz R. Lanzetta, Luiz R. Vitello Filho, Lygia M. Nunes, Manoel J. Lourenço, Mara S. Bernardes, Marcelo Villas-Bôas Santos, Márcia B. Turcatto, Márcio S. Camara, Marco Antonio F. Schuster, Marco Antonio Baggio, Marcio Túlio de Rose, Margareth S. Paula, Mary E. Menda, Maria Angélica de Morais, Maria da Graça B. Seligman, Maria da Graça Silva, Maria E. Borges, Maria Helena Brancher, Maria Helena S. Passos, Maria I. Rech, Maria I. Zanchetta, Maria I. Hammes, Maria L. Fontanive, Maria L. Teixeira, Maria R. Ferreira, Maria Suely Caldas, Marina Wodtke, Mário A. Nascimento, Mário A. Perez, Mário E. Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marinória S. Osório, Marise M. Fetter, Maristela Barros, Maroni João da Silva, Marques Leonam B. Cunha, Maurecy S. Santos, Mauro César Silveira, Mauro P. Toralles, Mary Beatriz Mezzari, Milton F. Wells, Milton Galdino da Silva, Milton R. da Silva, Milton S. Machado, Miriam Costa Correa, Miriam T. Moura, Milton Coelho Maron, Mozart N. Santos, Najar J. Tubino, Nelson C. Ferrão, Nelson Franco Jobim, Neltair Rebés Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson A. Figueiredo Filho, Nilson Guimarães, Nirce Levin Goyman, Nivaldo T. Manzano, Odilon Rebés Abreu, Olides Canton, Olvio S. Lamas, Olyr Zavaschi, Omar L. Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otacílio Grivot, Otília M. Rieth, Paolo Marconi, Patrício R. Bentes, Paulo A. Fogaça de Medeiros, Paulo Burd, Paulo C. Vegri, Paulo D. Pereira, Paulo E. Vasconcellos, Paulo F. Guerreiro, Paulo Gérson A. Oliveira, Paulo M. Macedo, Paulo Q. Bezerra, Paulo R. Cancian, Paulo de Tarso C. Riccordi, Paulo Totti, Pedro F. Macedo, Pedro Sosa Pereira, Pedro V. Maciel, Plínio J. Dotto, Porfírio Borba Netto, Raul C. Rubenich, Raul R. Quevedo, Regina P. Vasques, Rejane Lempeck, Renan Antunes de Oliveira, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Renato Vinicius Canini, Ricardo I. Balsoni, Ricardo L. Chaves, Ricardo M. Schmitt, Riomar B. Trindade, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto B. Manera, Roberto C. Franco, Roberto Ethel, Roberto L. Antunes Fleck, Rogério F. Monteiro, Rogério Raupp Ruschell, Rogério S. Medeiros, Rômulo C. Krafta, Ronaldo Westermann, Rosvita Sauressig Laux, Rubens C. Wayne, Rui J. Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Batsow, Sérgio Caparelli, Sérgio J. Becker, Sérgio R. Moita, Sérgio R. Lagranha, Sérgio Toniello, Severino J. Góes, Sibila Rocha, Silmar C. Müller, Silvia S. Costa, Silvio C. Ferreira, Silvio S. Correa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho e Silva, Tânia H. Krutschka, Tânia Jamardo Faillace, Telmo Cunha Zanini, Terezinha T. Figueiredo, Ubirajara S. Prates, Vera Daysi Barcelos, Vera M. Bosak, Vera M. Gomes, Vera R. Monteiro, Vera S. Kern, Victor Hugo Sperb, Vera T. Costa, Virson Holdembaum, Vitor Moraes, Waldoar Teixeira, Walter Firmo G. da Silva, Whalmir Anna Von Koenning, Wilmar O. Marques, Wladymir Netto Ungaretti e Zélia Dambrowski Leal.

caro leitor

Os pronunciamentos dos ministros Délio Jardim de Mattos e Maximiniano da Fonseca parecem ter encerrado a série de manifestações graves do Governo antes das eleições. A rigor, nada de novo. Voltaram a evidenciar o ranço do regime contra os anistiados e as Oposições em geral e a garantir as posse dos que forem eleitos. Aliás, só quando pararam com estas manifestações é que o eleitor realmente terá certeza de que quem ganhar, assume.

Como um Jogo de crianças, a trilha das eleições foi pontilhada das mais diversas dificuldades. Os casuísmos — termo que a Oposição tomou como bandeira mas que, na verdade, é da compreensão de pouquíssimas pessoas — determinaram uma disputa desigual em favor do partido governista, o PDS.

Alguns dos candidatos da Oposição tiveram que voltar algumas casas, outros perderam a vez durante várias rodadas e outros tiveram que abrir mão em favor dos mais fortes. Houve quem, qual umFênix, ressurgisse das cinzas e quem, mesmo desprezado pelas pesquisas e estatísticas se fortalecesse.

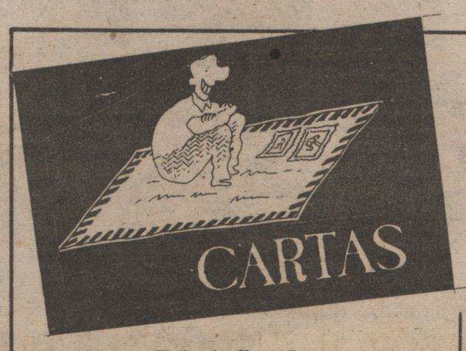
Mas estamos diante da eleição, real, palpável, presente nas ruas e fornecendo os dados fundamentais para o país do futuro. Quem conseguir mais pontos, terá maior influência. O país está às vésperas de mudar, seja qual for o resultado.

No RS, o Governador que assumir encontrará uma máquina emperrada e comum deficit monstruoso. É a herança do Governo passado. Na página 10 revelamos em primeira mão os números do Tribunal de Contas sobre a administração Amaral de Souza.

Gabriel García Márquez, premiado com a maior justiça com o Prêmio Nobel de Literatura de 1982, é um jornalista, como Vitor Hugo e Ernest Hemingway. Na página 11, ele fala do massacre dos palestinos e cobra um posicionamento de seus colegas intelectuais.

Sobre assuntos de economia, administração pública, saúde e educação, os candidatos gaúchos falam todos os dias. Fomos saber o que eles pensam de temas delicados, como homossexualismo, maconha, comunismo, aborto e Deus. Confira nas páginas 3 e 40.

O excelente artigo O Dia que o Mar Recuou, que publicamos em nossa edição anterior foi escrito por Tabajara Ruas.



Divisão das oposições

Senhor editor:

No momento em que a sociedade civil se organiza e força o Governo a ceder uma pequena abertura, o povo do RS está elegendo um candidato ao Governo do estado. Isto pode reverter quando nos conscientizamos que a divisão das oposições é uma tática do regime. Isto é claro porque unida a Oposição elegeria os governadores de Minas, São Paulo, Rio e RS, onde se concentra a maior parte do PNB da Nação, forçando o Governo a abrir mais.

É por isso que o democrata deve votar para vencer o Governo e o único partido capaz de fazê-lo é o PMDB de Simon. Ou será que o democrata vai esperar que este regime, que nos impôs pela força das armas um Governo, mude de idéias de repente e fique a favor da Democracia? **Antonio Matias, Porto Alegre, RS**

A questão árabe

Prezado editor:

No Brasil, existe muito desconhecimento sobre a questão árabe, causado principalmente porque o problema é visto sob o prisma da imprensa, controlada ou influenciada pelos judeus: A maioria dos países árabes vive em estruturas semifeudais ou arcaicas, mantidas pela política externa imperialista dos Estados Unidos. Ignora-se, por exemplo, que a nação palestina teve seu território usurpado pelos judeus sionistas e enquanto o mundo desconhecer esta realidade, muitos crimes serão cometidos, talvez um dia contra os próprios judeus, que vivem num Estado não-nazista-sionista de Israel, responsáveis até hoje pelas piores atrocidades contra a Humanidade desde Hitler.

Não é a destruição da OLP que interessa aos psicopatas do tipo Begin ou Sharon. Os judeus, embasados em sua ideologia racista, nascida nas profundezas obscuras das mentes doentias e torturadas dos guetos da Europa, precisam de uma só ilusão: representar o "bem", a destinação bíblica. Não há, para eles, "nação palestina". As terras santas esperavam vazias e desocupadas desde a saída dos romanos, pela volta dos filhos de Moisés , após pegarem as chaves em alguma imobiliária de Roma, Nova York ou Londres, encarregada da manutanção ou pedágio de alguns camelos distraídos que, por curiosidade, passaram pelo local durante este tempo. Não é Begin o culpado. Não vamos nos equivocar.

Já a OLP, nascida do sonho de uma Palestina livre para todos, paga caro os enganos que cometeu por representar a vanguarda do povo árabe. Criada num campo de refugiados, praticamente brota do engano de pensar que seria possível lançar, a partir dos Estados árabes limítrofes de Israel, uma guerrilha de libertação. Quando a OLP se deu conta que não adiantaria ter alguns quilômetros quadrados ao norte de Israel para tentar a liberação da Palestina já era tarde.

E, embora a OLP "não provocasse mais", conforme o Departamento de Estado dos EUA, todo o poderio bélico de Israel está disponível para a missão sagrada de destruir quem não existe. Não existem os palestinos e sim apenas alguns terroristas desocupados que brincam de fustigar judeus inocentes. Para eles, Israel destina campos de concentração jamais vistos no Planeta. Agora, deixar de matá-los, prendê-los ou dizimá-los, jamais. Seria antibíblico, uma traição, na visão destes fanáticos que hoje comandam o estado sionista.

Mas os enganos da OLP não foram apenas estes. Estreante no grande teatro da hipocrisia que é a diplomacia internacional, aceitou ingenuamente participar do jogo de equilíbrio das concepções subentendi-

INDICADOR PROFISSIONAL

PINHEIRO MACHADO NETTO
Advogado
OAB 1471

Riachuelo, 1098 conj. 603
Fone: 24-38 55
Porto Alegre - RS

Dr. ANTONIO CARLOS GERBASE
dermatologia
venereologia

CREMERS 6546
CIC 192173310/15

Marechal Floriano, 91/814
24.66.01
Diariamente: 15-18H

Nereu Lima

OAB 5315

Advocacia Criminal
Borges de Medeiros, 410
salas: 509/510
tel: 24-6049 Porto Alegre

DILMA DE SOUZA
Advogada
OAB 4045

Direito de Família
Sucessões
Direito de Trabalho

Rua Andrade Neves, 159 — conj. 133
13º andar — Fone: 25-3408 — P. Alegre — RS

ADVOCACIA EM GERAL

CLÁUDIO BALDINO MACIEL
OAB 11.382

DANIEL BOKLIS
OAB 11.448

Rua dos Andradas, 1464, 7º andar, conj. 70
Fones: 21-6188 — 21-6409 — Porto Alegre

TARSO FERNANDO GENRO
OAB-5627
MILTON M. CAMARGO
OAB-7815
Advocacia Trabalhista de Empregados

Vig. José Inácio, 368 — Conj. 503

de segundas a quintas, das 17:00 às 19:00hs.

Fone: 25.5996 — P. Alegre — RS

Lygia Ribas Lia

OAB-11630

Direito do trabalho
e
Advocacia em Geral

das 15:30 às 18:30 hs.
Av. Borges de Medeiros, 308
Conj. 85 - 8º andar - P.A.

Advocacia Trabalhista P/Empregados

Luiz Carlos Calachi Moraes
OAB 7176

Andrade Neves, 159 sala: 64
fone: 33-5445
Edifício Amazonas

ADVOGADOS

HÉLIO ALVES RODRIGUES
OAB 3975

JÚLIO CESAR ALVES RODRIGUES
OAB 3408

Andrade Neves, 159 - Conj. 21/22 Fones: 24-8616 e 25-8035

ADVOGADOS

Rovílio Antonio Breda
Criminal OAB 2583
Abade P. Bulhões
Cível
Comercial OAB 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

Luís Ulysses de Pauli
ADVOGADO
OAB 7819
Advocacia Trabalhista

De 2ª a 6ª das 16:30 às 18:30 hs.

Rua Vig. José Inácio, 368 - Conj. 204
Fone: 26-6460 - P. Alegre - RS

Magda L. Cidade Dias
Advogada

Direito Previdenciário
Acidentes do Trabalho

OAB 11375

Rua Uruguai, 335 — 3º Andar — s/35
Fone: 26.6624 — P. Alegre - RS

LUIZ LOPES BURMEISTER
OAB 2334

ADVOCACIA TRABALHISTA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 159/105
Fone: 25-5866
Porto Alegre

Geraldo Nogueira da Gama

Advogado

OAB 5951 CPF 059035050/15
Rua Cel. Genuíno, 421
— 12º andar
Fone 25-0154
Porto Alegre RS

GISA NARA MACHADO DA SILVA
OAB 7675
DÉCIO GUIMARÃES NETO
OAB 8825
MARIA HELENA MOTTA
OAB 14280
ELAINE VIEIRA
OAB 4596
LIDIA WOIDA
OAB 9391

Advocacia Trabalhista de Empregados

De 2ª a 5ª das 17 às 19 hs
Andrade Neves, 155 - conj. 71/2
Fone: 33-4321 - Porto Alegre
Victor Barreto, 3056 - s/304
Fone: 72-4397 - Canoas

ADVOGADOS

João Carlos Gastal OAB 599
Newton Domingues Kalil OAB 7061
Regina de Lima Motta OAB 9242

Rua Ramiro Barcelos, 330 2º and. fone: 24-9846

Mario Chaves *OAB 4641*
Carlos Franklin Araújo *OAB 3328*
Vera Lucia Kolling *OAB 12595*

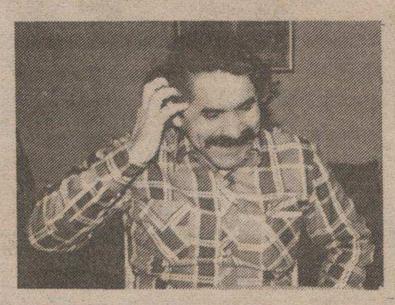
ADVOCACIA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre

Os candidatos falam sobre drogas, homossexualismo, luta armada e Deus

Difícil não é entrar em contato com os candidatos a governador nests últimos dias antes das eleições. Difícil é fazê-los sentar para responder a algumas questões que fogem das entrevistas do dia-a-dia. Mas valeu o trabalho do repórter Marco Antônio Schuster: Simon, Jair, Collares e Olívio falaram sobre alguns temos tabus como aborto, virgindade, maconha, alcoolismo, Deus e comunismo.

Olívio Dutra respondeu por telefone, antes de uma viagem ao interior do Estado. Foi dizendo seus conceitos e só gaguejou quando pedimos que definisse Deus. "Isso é difícil de definir, né?". Mas escolheu as palavras e construiu a frase. Simon encaminhava-se para uma reunião. Leu a pauta, deu uma baforada no cachimbo, sorriu e pediu para responder por escrito. Jair Soares deve ter respondido entre duas viagens pelo interior. E Collares, ainda de pijama, ouviu as perguntas e marcou um dia para dar as respostas. Afinal, por telefone, por escrito ou pessoalmente, conseguimos que eles falassem sobre estes temas delicados. A ordem das repostas é de acordo com sua chegada à redação.



Fotos de Luiz Eduardo Achutti (pgs 12/13/14/15

RACISMO

OLIVIO DUTRA — É pernicioso, é indigno. Tem de desaparecer. Ele tem muito a ver com a exploração do homem pelo homem. O desaparecimento das diferenças sociais eliminará o racismo que nada mais é que a exploração de um grupo étnico por outro grupo étnico.

PEDRO SIMON — O brasileiro não tem porque ser racista, se considerarmos nossa formação étinico-social. A prova disso foi dada pelo último Censo: 44% da população considerou-se "não-branca" Assim se declararam 38% de mestiços ou mulatos e 6% negros. A questão racial, quando notada, decorre sempre de deformações pessoais. A Nação, historicamente julga qualquer tipo de discriminação odioso. Cabe ressaltar que um dos mais respeitáveis patrimônios culturais brasileiros é aquele que o negro nos legou. Sua preservação é tarefa educacional da maior importância, para ganharmos nítida e positiva consciência histórica de nossa evolução nacional

ALCEU COLLARES — Deve ser combatido em todas as suas formas. Pois traduz para aquele que o pratica a própria indignidade, além de causar danos morais nos que são atingidos.

JAIR SOARES — Totalmente contra. Contra o racismo gerado pelos desníveis sociais, contra o racismo oriundo de causas históricas; e contra o racismo provocado pela cor.

VIRGINDADE

OLÍVIO DUTRA — É um tabu que está desaparecendo. É um preconceito que tende a desaparecer. Mas o uso do corpo deve ser livre, não pode haver uma coerção moral contra ou a favor. Tanto o homem como a mulher devem ter liberdade para decidir sobre sua virgindade.

SIMON — É uma questão cujo entendimento e decisão diz respeito somente a cada ser, segundo sua apreensão da realidade social e educacional.

ALCEU COLLARES — Virgindade é um problema social. Há povos que, para o casamento exigem moça virgem, em outros, esta fase está superada. Penso que a honra e a dignidade da criatura humana não residem na exigência do estado de virgindade para o casamento, mas respeito os que pensam em contrário.

JAIR SOARES — Um problema de educação sexual.

POLÍTICA

OLÍVIO DUTRA — Não é um privilégio da chamada classe política. É direito e dever de cada cidadão fazer política todos os dias para que se torne sujeito de sua própria história e da história de sua comunidade.

PEDRO SIMON — No pós-64, a chamada revolução, aplicando seu plano de fazer-se permanente e, permanenemente, dominar a vida nacional, tomou a prioridade da desmoralização política, dos políticos e de todas as práticas e instituições vinculadas. Bastaria isso para evidenciar a importância da política. O autoritarismo, para vencer e firmar-se sobre qualquer sociedade humana, começa por essa tentativa de desmoralização. "O homem, porém, é um animal político" e nada pode substituir sua vocação natural nem o sentido de instrumento civilizador que lhe foi dado. Nem os tecnocratas, nem os burocratas. Nem ninguém.

ALCEU COLLARES — É mais fascinante de todas as atividades. Somente através dela é que os povos podem, num regime democrático, alcançar o bem-estar social. A política, na sua ampla acepção, fundamenta-se na atividade embasada na moral, portanto, não se pode confundir com práticas indecentes e desonestas com a prática política. Pelo menos da maneira que o concebemos. Não chega a ser um elogio, o homem considerar-se apolítico. O direito do cidadão realiza-se somente através da política.

DESENVOLVIMENTO × ECOLOGIA

OLÍVIO DUTRA — Desenvolvimento que não se dá com preservação do meio ambiente não é desenvolvimento.

PEDRO SIMON — Creio que o desenvolvimento é perfeitamente alcançável sem cometermos atentados contra os meios naturais de sobrevivência, a própria vida do Homem: o essencial é termos coragem e sinceridade para enfrentar a questão, colocando o bem-estar da coletividade num primeiro e destacado plano. Aqui, por exemplo, já houve um S cretário de Estado que fechou uma indústria poluidora, por falta de alvará de funcionamento e alardeou seu feito pelos quatro ventos. Depois, silenciosamente, a mesma indústria, ainda sem alvará, voltou a funcionar e a poluir, muito embora a autoridade que paralisara suas operações continuasse autoridade e até depois, tenha chegado a Ministro de Estado, onde continuou em silêncio. Mais recentemente, o governo alegou não aceitar a segurança total dada pelo "tubão" contra a poluição hídrica, resultante do Pólo Petroquímico, por ser seu custo elevado, como se ao governando fosse lícito ter um limite ao preço da vida de seus semelhantes. Em meu governo usarei de todos os meios legais a disposição para conter esses atentados à natureza que representa nossa própria vida e a continuidade dela.

ALCEU COLLARES — Defendo o desenvolvimento integrado, que respeite o meio ambiente. Para tanto, é necessária a busca de tecnologias adequadas, de tecnologias intermediáriaa, capazes de proporcionar o desenvolvimento sem risco que hoje alguns setores da economia oferecem ao homem, à flora e à fauna.

JAIR SOARES — Sobre este assunto posso falar com pleno conhecimento de causa. Não sou teórico na matéria. Fui um dos administradores do país a trabalhar pela preservação da ecologia. Criei organismos para defendê-la; estou convencido de que é cada vez mais importante preservar a ecologia e, através de uma política sadia, acima de mesquinhos interesses eleitorais, ajudarmos o desenvolvimento.

COMUNISMO

OLÍVIO DUTRA — Algo ainda não atingido em nenhuma parte do mundo. Mas um sonho antigo de muitos. Até o cristianismo primitivo propunha um tipo de sociedade onde a propriedade fosse comum e sua administração fosse feita por todos e não por meia dúzia.

PEDRO SIMON— Sob um ponto de vista essencialmente político, vejo-o como forma de governo até aqui não provada em nenhum ponto da terra. No Brasil vive do debate filosófico consentido e da repressão, a qual se alimenta de falsas alegações usadas pelo autoritarismo. Com a desculpa de combatê-lo, o movimento de 64 matou a Democracia e estatizou a economia do País, para colocá-la a serviço do capitalismo selvagem, gerido pelas multinacionais.

ALCEU COLLARES — Sou contra. Embora respeitando aqueles que o defendem, como direito de manifestação de suas id'eias. E, inclusive, no Brasil defendo a necessiqade de Legislação do PC a fim de que seus integrantes não sejam obrigados à dupla militância.

JAIR SOARES — Penso que o comunismo como foi ensinado por seus fundadores, é uma doutrina inaplicável e inaplicada. Nenhum dos países da órbita socialista o adota com a rigidez defendida por Marx ou Lenine (bastaria lembrar as profundas divirgências entre URSS e a China)É depois, está plenamente provado que o comunismo, no poder, não resolveu alguns dos problemas que mais afligem a humanidade. O comunismo que apregoa o ateísmo não esmagou, e não esmagará nunca, a profunda fé crist a dos poloneses, embora 40 anos de total ditadura do proletariado.

HOMOSSEXUALISMO

OLÍVIO DUTRA — Cada um tem o direito de usar o seu corpo de acordo com os seus padrões de dignidade de conduta da forma que bem entender.

PEDRO SIMON — É, também, uma questão de foro íntimo, sem qualquer vínculo com ação governamental, enquanto assim permanecer.

ALCEU COLLARES — É uma realidade que precisa da compreensão dos seres humanos para que aquelas criaturas que praticam o homossexualismo sejam respeitadas como humanos seres que são.

JAIR SOARES — Respeito.

MACONHA

OLIVIO DUTRA — Já dei uma resposta que era contrário a sua liberação. Acho que não se pode cercear a liberdade do indivíduo. A liberação da maconha pode acabar com o seu comércio clandestino. Mas numa sociedade autoritária como a nossa liberar a maconha e não dar liberdade ao debate político não representaria uma conquista. Seria mais um paliativo para uma fuga. O fundamental é que, numa sociedade democrática como a que queremos construir não se considere o

consumidor de maconha como um criminoso. Seria interessante criar clínicas especializadas, que não funcionassem como prisões para tratamento destas pessoas.

PEDRO SIMON — Tenho o uso de qualquer tóxico como fuga da realidade e fruto da deficiente formação cultural da família, na escola, na sociedade. Há, porém, que estabelecer de modo bem claro a diferença entre viciados e traficantes. Os primeiros devem ser tratados. Os traficantes, no entanto, precisam ser rápida e rigorosamente punidos, com penas acessórias para quantos comercializarem qualquer droga, induzindo seu uso a menores de todos os níveis de ensino. O viciado deve ter atendimento médico e psicológico, visando à sua recuperação para si mesmo, sua família e sociedade.

ALCEU COLLARES — Tem sido a desgraça de centenas de criaturas humanas. Seu uso, embora proibido por lei, é feito na clandestinidade, arruinando vidas. É preciso um controle maior, para impedir que esta maldita erva seja utilizada.
JAIR SOARES — Contra.

OLÍVIO DUTRA — Só é positivo quando representa a vontade de uma massa. A Nicarágua e outros países que fizeram revoluções são exemplos de luta armada que foram resultados de uma vontade popular. Ela é um momento de uma luta geral. A luta armada quando feita por golpes, de uma minoria, seja qual for sua ideologia, reflete o caráter autoritário destes grupos.

PEDRO SIMON — O brasileiro é pacifista por natureza. O uso da força não se inclui entre os atributos de sua personalidade, seja ela individual ou social. Só admito a luta armada em caso de defesa contra a agressão da soberania nacional, uma vez vencidos todos os apelos ao debate democrático, inclusive proposta de arbitramento.

ALCEU COLLARES — É a via através da qual, em última instância, os povos esmagados podem se libertar da tirania.

JAIR SOARES — As armas não são o melhor caminho para as reformas.

OLIVIO DUTRA— Esta é braba de definir... existe em cada ato de solidariedade, em cada proposta de realmente se acabar com a exploração do homem pelo homem, em cada gesto de Fraternidade, de Piedadee de Paixão.

PEDRO SIMOM— Deus é a origem e o destino final, na crença de cada um.

ALCEU COLLARES— Creio na sua existência, como princípio e fim de todas as coisas.
JAIR SOARES— Como cristão, Católico, Apostólico, Romano, creio em Deus. Deus é verdade.

OLÍVIO DUTRA — A favor, com reservas. Num país onde há três milhões de abortos clandestinos por ano há necessidade de se acabar com isso. Agora, o aborto não pode ser indiscriminado. A mulher deve ser dona do próprio corpo. Mas deve haver uma conscientização para não ter filhos no momento da concepção.
PEDRO SIMON — O Estado, por seus órgãos próprios deve orientar as mulheres, cuidando para que o aborto não seja entendido nem usado como um método contraconceptivo.
ALCEU COLLARES — Nos casos permitidos pela lei, pois entendemos que na concepção já há uma vida e ninguém está autorizado a tirá-la, a não ser por motivo de força maior. A atual legislação deverá sofrer alguma alteração para incluir alguns casos ainda não previstos.

JAIR SOARES — Contra. A favor, apenas, nos casos previstos em lei e quando é necessário preservar a saúde e a vida da gestante.

OLÍVIO DUTRA — Uma bebidinha não faz mal. Mas quando ela assume caráter de vício, tem que se ver as razões sociais e psicológicas do alcoólatra. O Estado tem que ter hospitais e pessoal especializados para recuperar estas pessoas. Nem sempre resolve tratar somente do alcóolatr.preciso modificar a sua realidade sócio-econômica.

PEDRO SIMON — Como todos os vícios, considero-o contrário à natureza humana. Essa consideração, porém, não se resume em condenar, mas se projeta na assistência devida pelo Estado ao alcóolatra e à sua família, no sentido da recuperação do viciado para a força de trabalho comum, para o lar e a sociedade. Não podemos é discernir os que se viciam bebendo cachaça e os privilegiados que se deixam inutilizar para a vida útil afogados em uísque. Neste sentido, protesto contra a diminuição do imposto sobre a importação do uísque, enquanto os alimentos continuam altamente taxados. O Governo, inclusive, perdeu mais recentemente a oportunidade de redimir-se desse protecionismo dado nos bebedores de uísque. Restabeleceu barreiras à importação de bens com similares e à importação de bens supérfluos, mas assim não considerou o uísque, cuja importação segue livre e pagando tributos reduzidos.

ALCEU COLLARES — Não é um vício. É uma doença e como tal deve ser tratado.

JAIR SOARES — Como todo abuso, o alcoolismo passa de doença a mal social que deve ser combatido. Penso que o alcoólatra deve ser tratado com especiais cuidados, que começam pelo corpo e devem alcançar a sua mente.

OLÍVIO DUTRA — Numa sociedade com número enorme de desempregados e subempregados o jogo do bicho tem sido uma saída para muitas pessoas. Agora, como banqueiros de bancos comerciais, financeiros ou de investimentos, o banqueiro do jogo do bicho pode ser um bom ou mau sujeito. Não podemos punir o banqueiro do jogo do bicho sem punir o banqueiro do banco comercial, financeiro ou de investimento, que num só lance às vezes ganha milhões às custas dos apertos de seus clientes. Sou pela liberação do jogo do bicho mas com regulamentação adequada.

PEDRO SIMON — Em qualquer caso sou por sua oficialização, para que dele possa resultar, além de lisura de seu processamento, reais benefícios, em termos de tributos à sociedade, em especial às suas parcelas empobrecidas, das quais o jogo do bicho, no regime atual de ilegalidade protegida, se nutre.

ALCEU COLLARES — Sou favorável à sua legalização. É a mais popular de todas as espécies de loterias. A proibição legal leva a sua prática na clandestinidade. A Loto, a Loteria Esportiva são também jogos de azar, todavia legalizados. Que diferença há do jogo do bicho?

JAIR SOARES — Preferência de milhões de brasileiros. Está na alma do nosso homem um muito antigo gosto pelo jogo.

OLÍVIO DUTRA — Seguidamente, e intencionalmente, se confunde capitalismo com democracia. Não têm nada a ver. Pelo contrário. As ditaduras mais atrozes do mundo capitalista atestam isto. O capitalismo tem que ser superado por uma sociedade em que o homem se realize como um todo e que se realizem todos os homens. Portanto, uma sociedade socialista.

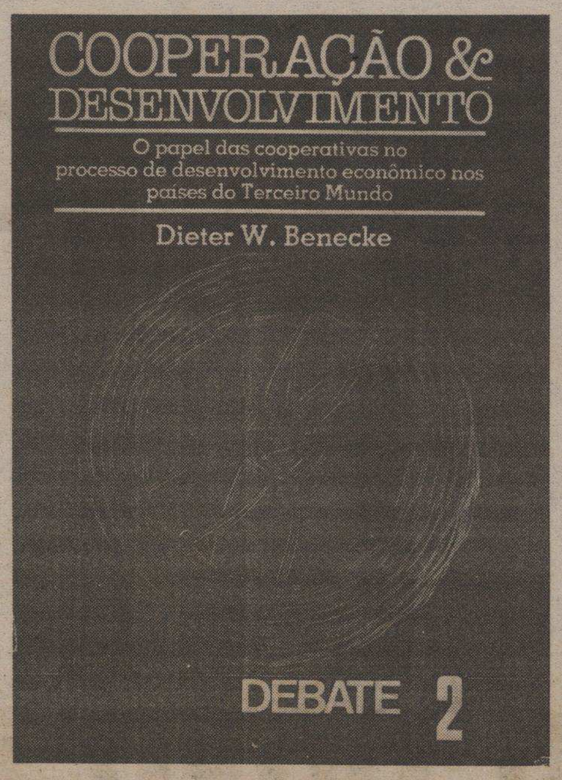
PEDRO SIMON — Um regime em agonia. O socialismo é um ideal a atingir, dentro de uma conceituação democrática, isto é, sem colocar o Homem, a Sociedade e suas Instituições na condição de simples engrenagens do Estado.

ALCEU COLLARES — Embora seja uma forma perversa de exploração econômica, é uma realidade no mundo ocidental, contra a qual os homens de consciência política mais avançada têm que lutar na busca de uma nova ordem social, humana, igualitária e cristã.

JAIR SOARES — O capitalismo é uma prova de que o homem ainda não construiu o melhor dos modelos políticos. Por isso, sempre tentou moderar seus excessos e distorções. Sou, por formação, um liberal, defendo a livre iniciativa. Acredito que a democracia social, incorporando o melhor do liberalismo e aspectos do solidarismo, possa representar uma opção ideal para um país como o Brasil.

As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.
O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.



Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE

Preencha o cupom anexo e remeta-o junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — 90000 — RS.

Solicito enviar...exemplar(es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr$ 500,00 cada.

Nome:_____

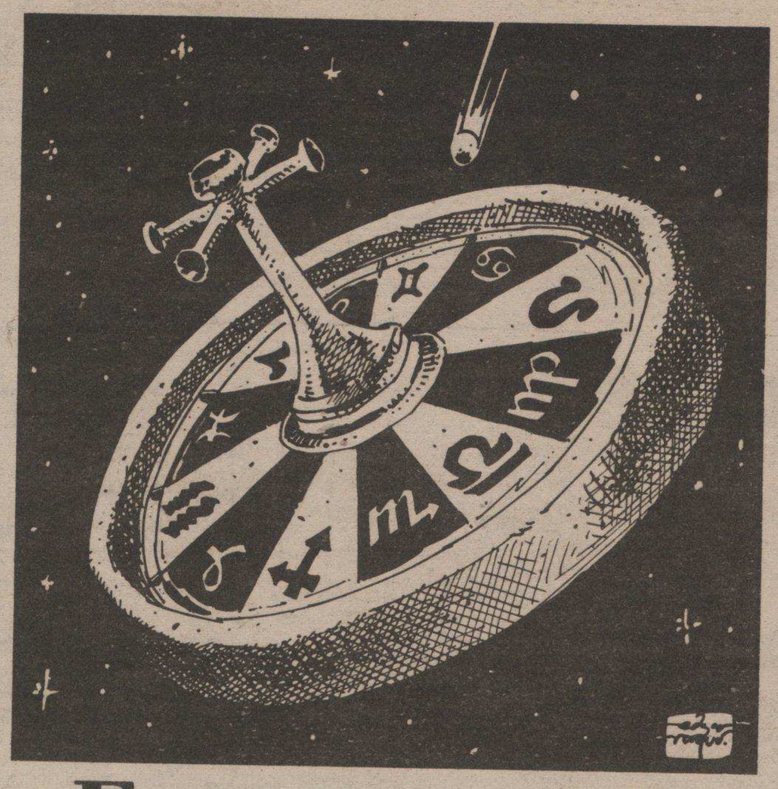
Endereço:_____

Cidade:_____

Estado:_____ CEP:_____

Estamos todos em signos errados

A repórter Lúcia Fontanive passou a duvidar da astrologia quando encontrou um amigo nascido no mesmo dia que ela. Foi pesquisar e descobriu que seu signo — Gêmeos — só valerá depois do ano 2150



"Se você é de gêmeos, provavelmente tem uma certa tendência à dupla personal' iade. Sofre muitos acidentes nas mãos e nos braços e costuma ter mais de uma atividade aos mesmo tempo".

Eu, geminiana de nascimento, segundo a astrologia, sempre gostei de ler um pouco sobre a influência dos astros. Comprar uma revista sobre signos ou ler horóscopo do dia era como brincar de que alguém sabia muito mais de mim do que eu própria e, o que é fascinante, sem nunca ter me visto.

Tudo era muito divertido até o dia que conheci Alfredo. Alfredo nasceu no mesmo hospital que eu, no mesmo dia e no mesmo ano. Era incrível. Então tudo o que iria acontecer para ele, aconteceria comigo. Isso, no horóscopo dos jornais.

"O dia hoje está muito bom para negócios imobiliários"

"Os assuntos financeiros não devem ser comentados por nascidos em Gêmeos"

Depois de inúmeros desencontros entre a minha vida e a de Alfredo e já que somos um o oposto do outro, resolvi pesquisar um pouco mais sobre a astrologia. Descobri que existem pessoas que dedicam sua vida a isto. Com dados, réguas e tabelas, fazem o mapa astrológico de qualquer um, definem personalidade, caráter, físico e prevêem o futuro.

Fui conversar com uma astróloga, Amanda Costa, que estudou com Dona Emma Costet de Nascheville. Perguntei-lhe sobre o fato de eu e meu amigo termos nascido no mesmo dia e sermos radicalmente diferentes. Amanda explicou que o problema estava no ascendente (**Ascendente** é o signo do zodíaco que se encontra acima do horizonte leste no momento do nascimento da pessoa). Havíamos nascido em horas diferentes, portanto, possuímos ascendentes diferentes. Segundo a astróloga, o ascendente é responsável pela personalidade e o comportamento. Enquanto isso, a Lua define o emocional e o relacionamento com as pessoas. Isso tudo é feito através de cálculos matemáticos com base na ciência, foi o que afirmou Amanda.

Achei bem interessante, todas aquelas afirmações e continuei perguntando se ela acreditava que a astrologia influencia também no físico. Amanda me assegurou que as características físicas são definidas através do ascendente e pela relação que os planetas mantêm uns com os outros.

— E os deficientes físicos? — pensei.

Dessa maneira, cheguei à conclusão que qualquer ato de qualquer pessoa seria justificado pela astrologia e resolvi perguntar:

— E Hitler?

A astróloga me garantiu que Hitler era como era por ser de Touro com ascendente Escorpião.

Impressionada e com algumas dúvidas, depois de conversar com Amanda, decidi procurar um astrônomo. Encontrei o assessor de Astronomia do Planetário, o professor O'Neil de Lima Paz.

Comecei perguntando ao professor se a astronomia acredita na astrologia. Ele respondeu que se os astrólogos pensam que a astrologia é uma ciência, eles precisam provar que é uma ciência. E não, como vem acontecendo, da astronomia ter que provar o que é e o que não é verdadeiro. Neste caso, a astrologia é mais uma crença. E como afirma o professor O'Neil, cada um crê naquilo que quer ou que lhe interessa.

Para ele, a astrologia vai contra a Psicanálise que, como ciência, estuda o comportamento humano e não está, absolutamente, ligada a respostas extra-terrenas. E contradiz ainda a genética, responsável por toda a nossa bagagem biológica.

Contei ao astrônomo sobre o argumento de pessoas que, acreditando em astrologia, afirmam:

— Mas como explicar a influência da Lua nas marés?

Como bom cientista, o professor terminou com o argumento, explicando que não existem milagres na natureza a não ser sua própria existência. A influência da Lua sobre a Pororoca e as marés da Terra é um fator físico. Como a terra não é um corpo rígido, mas elástico, a matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias. Esta lei é tão velha quanto Newton que a ditou. Ela se chama Lei da Gravitação Universal. Vou tentar dizer de uma forma mais clara: O efeito da maré é decorrente de ações gravitacionais da Lua e do Sol sobre a Terra que, não sendo um corpo rígido, se deforma em virtude dessas forças gravitacionais.

Existem outras questões bem mais fortes onde os estudos da astronomia vão contra a astrologia. Vejam bem. A Terra faz um movimento chamado Processão dos Equinóceos, em que o eixo do planeta realiza, lentamente, dando uma volta completa em 26 mil anos. Para a gente ter uma idéia basta imaginar o movimento de um peão. Este fenômeno desloca, bem devagar, as constelações zodiacais. Quando a astrologia teve o seu auge, a primeira constelação zodiacal era Áries onde situava-se o Equinóceo de Primavera, isto é, o ponto em que a Terra, em sua volta ao Sol, possui o dia igual à noite. Acontece que isso era por volta de 2.150 a Zero A.C. (é bom explicar que a Primavera corresponde ao Equinóceo de março do hemisfério norte). Para a astrologia, a primeira constelação continua sendo Áries, vinculada ao mês de março, o que não acontece mais. Do ano Zero até 2.150 d.C., o Equinóceo de março irá corresponder a Peixes. Desta forma, estamos todos em signos errados.

É claro que não é fácil de se falar e entender se não estamos habituados com as palavras. Mas entre o mistério, as perigosas justificativas através dos astros e estudar cientificamente a natureza para, sem medo, encontrar respostas, penso que realmente cada um acredita no que quer ou no que lhe interessa.

Lúcia Fontanive

COLLARES
GOVERNADOR

CARUSO
VICE-GOV.

PDT

GETÚLIO
SENADOR

Nestes, o povo confia.

Agora é esperar!

Jurandir Silveira/EJCJ

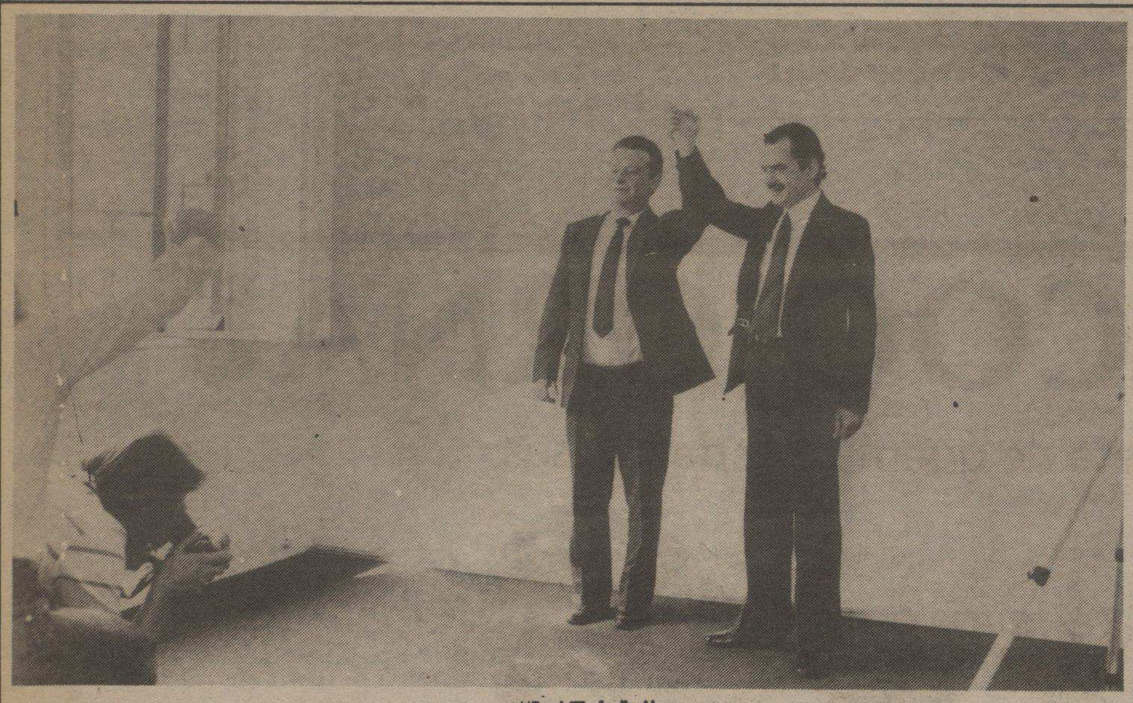
"Na reta final"

Carlos Rodrigues/EJCJ

"Direita, centro e esquerda"

Carlos Alberto Silva/EJCJ

"Que é isso, companheiro?"



Luiz Eduardo Achutti/Coojornal

"Lei Falcão"

João Onofrio/Zero Hora

"Densas nuvens de fumaça"

Luiz Eduardo Achutti/Coojornal

"Cabo (a) eleitoral"

Feijão, o cabo eleitoral

O Governo trata de prevenir-se contra os ataques da Oposição sobre seus pontos fracos. E não mede esforços: chegou a baixar o preço do feijão e pagar mais ao produtor

Puramente eleitoreira. Não tem adjetivo mais adequado para classificar a jogada do governo este ano com produtos alimentares, principalmente o feijão. No arroz, o governo chegou a importar o produto para jogá-lo no mercado durante o forte da comercialização e assim segurar o preço para que não disparasse. Mas, é no feijão que a máquina eleitoreira governamental funcionou a todo o vapor.

Quem não se lembra da **fesoja** ou **sojoada**, que obrigava o consumidor a botar fora um bom punhado de proteínas, graças a imbecilidade dos tecnocratas do governo? E das filas, ou melhor, da verdadeira pauleira ocorrida de fronte os supermercados cariocas quando o governo colocou à venda feijão mexicamo a preços populares? Pois bem, num ano eleitoral, onde o governo joga tudo — desde a divisão das oposições, voto vinculado até a corrupção — para não perder o governo dos estados mais importantes, o feijão não poderia ser cabo eleitoral da oposição. Aliás, com toda ginástica que tinha feito nos últimos anos para contornar a falta do produto, o governo terminou aprendendo a agir. E agiu muito habilmente, digase de passagem.

Em primeiro lugar, o governo incentivou o plantio do feijão, a safra foi muito boa, e ele comprou tudo dos produtores. Pagou um preço razoável, uma média de Cr$ 3.800,00 o saco, para calar a boca dos produtores. Seria bom lembrar que no ano anterior o preço do saco do feijão havia oscilado entre Cr$ 2 mil e Cr$ 7 mil, embora não tivesse sido o produtor, mas o intermediário, o maior beficiado com a especulação. Por isso, os produtores se prepararam para esquematizar uma melhor comercialização este ano. Só que o governo entrou na parada e atrapalhou tudo.

voltando ao raciocínio anterior, pagando um preço razoável aos produtores, o governo não só calou sua boca, mas investiu em termos eleitorais, tanto é que nos veículos dirigidos aos produtores rurais, publicou um anúncio otimista: "O Brasil plantou. Chegou a hora de colher".

Do outro lado da ponta, o consumo na cidade, onde o governo também tem interesses eleitorais, o feijão apareceu farto e barato. É claro que no começo havia remanescentes da safra anterior e o grosso da última safra foi tremendamente subsidiado. Feijão que custava Cr$ 40,00 o quilo na Bolsa, aparecia no supermercado a apenas Cr$ 49,00. Isso que se jogar só o ICM em cima o preço já vai pra Cr$ 47,62. Mas, aí o comerciante também tem o seu truque. Aquele feijão comprado a 40 o quilo, ele separa entre o bom e o quebrado e sujo e bota na prateleira a Cr$ 80,00 e Cr$ 49,00 e na média dos dois ainda tira o seu. Mas, o subsídio do governo foi tanto que no início de outubro havia feijão na periferia do Rio de Janeiro a Cr$ 40,00 e a rede Pão de Açúcar vendia a apenas Cr$ 36,00 o quilo. Também pudera, ao jogar nos leilões o produto, o governo vendeu o feijão pela metade do valor que tinha pago através do preço mínimo. Aliás, a loucura foi tanta, que o próprio governo reconheceu (Júlio César Martins) que nunca tivera estocado tanto alimento como neste 1982.

Tudo para segurar os votos dos consumidores, que merecem também a sua mensagenzinha sutil do governo, através do anúncio: "Sabe quando você viu o preço do feijão cair? Este ano".

Inteligentemente, o governo não mentiu e nem decepcionou produtores e consumidores. Só que para subsidiar o feijão e fazer sua campanha eleitoreira, agindo como se o mundo fosse acabar no dia 15 de novembro.

E talvez acabe mesmo . Para ele, governo.

VOTE COM O COOJORNAL

Chegue nas urnas com a camiseta de quem sabe das coisas:

Além das transas da Ivete com o Brizola, conte com outros ingredientes importantes numa decisão política, como informações sobre comportamento ou ecologia e cultura. Na imprensa independente, os fatos sem manipulação.

Assinatura para o exterior US$ 60,00
Assinatura anual por apenas Cr$ 1.900,00
(Porte a pagar para assinatura do interior do RS e outros estados)

Coojornal
Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099
Porto Alegre — RS

Cupom de assinatura Coojornal
Nome: _____
End: _____ Nº: ____
Bairro: _____
Cidade: _____ CEP: ____
Estado: _____
Profissão: _____

FAÇA SUA ASSINATURA E GANHE A CAMISA DO COOJORNAL

Consagrado em 66, Eusébio foi um dos poucos moçambicanos que se deram bem em Portugal

O futebol na terra de Eusébio

No passado, Moçambique exportava seus craques para Portugal. Alguns brilhavam, como Eusébio e Coluna. Outros voltavam frustrados. Agora, o país quer desenvolver seu futebol, nos moldes socialistas

Em 1966, o moçambicano Eusebio brilhou na Copa da Inglaterra, jogando pela Seleção de Portugal e sendo considerado "o sucessor de Pelé." Naquele ano, dos 2.900 sócios de clubes esportivos da capital de seu país, apenas 290 eram negros. Os dois principais times do país, Benfica e Sporting, eram meras filiais das equipes de Lisboa e não admitiam jogadores negros, à exceção dos gênios.

— Haviam duas seleções no país — lembra o célebre Mário Coluna, centromdio moçambicano que chegou à seleção portuguesa 10 anos antes de Eusébio e, igualmente, destacou-se na Copa de 66. — Uma composta por portugueses puros e outra por negros e brancos nascidos na colônia, que acabou proibida porque vencia sempre o jogo anual entre as duas.

Só no começo da década de 70, com o avanço da luta de libertação, é que o gcverno colonial abriu os times para os negros, buscando selecionar os melhores e exportá-los para a metrópole. Mas a maioria dos africanos continuou confinada às pequenas equipes de bairro que disputavam o campeonato da segunda divisão. O único sonho possível para o futebolista moçambicano era destacar-se e conseguir um passe para Lisboa, atrás da estrela de Eusébio, Coluna e Matateu, outro que esteve na seleção portuguêsa na década de 50 e hoje é porteiro de uma fábrica de automóveis no Canadá.

— Eu jogava no Nova Aliança — recorda Gil, 25 anos, atual centroavante da seleção moçambicana, que iniciou em equipe de bairro — , time do seu Manoel, um comerciante português que financiava nossos gastos e a compra do pouco material que dispúnhamos. A preparação física consistia em correr pelas ruas esburacadas do bairro e como não havia luz, o seu Manuel ligava os faróis do carro para que pudéssemos ver a bola.

Com a independência de Moçambique, o Estádio Salazar, o maior do país, com capacidade para 40 mil pessoas, passou a chamar-se Estádio da Machava. Os anúncios de bancos e vinhos portugueses foram substituídos por frases como "Desenvolver a prática do desporto é tarefa de todos nós." Houve uma revolução também no futebol, com a abolição da carta de compromisso que os jogadores eram obrigados a assinar e os submetia eternamente aos clubes, sem nenhuma compensação.

No ano passado foi dado o grande passo. De acordo com o modelo dos países socialistas, o futebol profissional, que na prática nunca chegou a existir em Moçambique, foi suprimido e os clubes passaram a se integrar em empresas, ministérios e outros órgãos estatais, como explica o presidente da Federação Moçambicana, Manuel Jorge da Silva, jogador da década de 50:

— O atleta não será remunerado como tal e sim como trabalhador de uma empresa, que é dispensado em parte de seu tempo para treinar. Quando a carreira futebolística encerra, ele tem o futuro garantido dentro da empresa.

Metade dos 50 clubes do país está integrada e até o fim do ano a outra metade também estará. Calton, 25 anos, meio campo da seleção moçambicana, joga no Desportivo, clube integrado no Ministério de Obras Públicas. Foi colocado no setor de importação de uma construtora estatal, onde ganha 15 mil meticais por mês — cerca de Cr$ 90 mil. Até o ano passado, ele jogava na mesma equipe, mas trabalhava numa navegadora sul-africana e recebia um terço disso, sem direito a dispensa pra treinar e tendo que trabalhar domingo de manhã, mesmo em dia de jogo.

— Agora tenho as tardes livres e a partir das 17 horas posso dedicar-me à tarefa de deputado da Assembléia da cidade.

Calton começou a jogar na escola de futebol do brasileiro João de Santa Rita Filho, o **Tubarão**, um aventureiro que corria países e, após quebrar a perna em Angola, acabou voltando para o Brasil. Pegou o tempo em que faltava até calções para as equipes. Aos que dizem que só o profissional salva o futebol, ele aponta os exemplos da União Soviética e da República Democrática da Alemanha. Acrescenta que dentro das empresas os atletas poderão fazer cursos de treinador ou professor de educação física no exterior, podendo dedicar toda a vida ao esporte.

Da mesma forma o professor de história Edgar Serafim, 23 anos, conhecido como Edgar Filete, e o economista Gil, ambos jogadores do Estrela Vermelha, acreditam que a integração é a saída para o futebol de Moçambique. Edgar Filete, zagueiro-central, trocou as aulas de História por uma vaga de professor da escola de futebol, enquanto Gil é funcionário do Ministério da Defesa e dispõe da maior parte de seu tempo para o futebol. Para ele, o maior problema é a falta de técnicos:

— São poucos os que têm formação. Precisamos de bons técnicos para superar os resultados medíocres obtidos até agora, e como o esporte passou a ser uma frente de ação das empresas, penso que elas devem contratar técnicos estrangeiros para o futebol, como fazem para outros setores.

Antes de ir para Portugal, em 1954, com 19 anos, Mario Coluna trabalhava como mecânico. No Benfica pegou Oto Glória como técnico e ganhou diversos campeonatos. Voltou para Moçambique após 20 anos de Portugal, com um curso de treinador feito na França. Atualmente ele é deputado da Assembléia Provincial, treina o Ferroviário, equipe formada por maquinistas, soldadores, eletricistas e estudantes, e dirige a escola de futebol do clube.

— Temos matéria prima, bons talestos para o futuro que precisam treinar para evoluir. Acredito que dentro de pouco tempo, Moçambique será uma potência do futebol mundial. A diferença de agora em relação ao futebol capitalista é que os jogadores vivem do seu trabalho e tem uma velhice tranquila. Não se vendem mais pessoas.

Cremildo Co Forte, ex-jogador, funcionário do Ministério dos Transportes e um dos treinadores da seleção, afirma que o futebol moçambicano é semelhante ao da América Latina: tem intuição e imaginação. "Nosso jogador é descontraído, para ele a bola é tudo, mas não se concentra nem por uma quarta parte do jogo", diz ele. Sobre a experiência de integração, ele prefere aguardar os resultados.

— É uma experiência, não sei se dará certo, mas como estava não dava para continuar.

Já Rodrigues dos Santos, treinador do Têxtil de Pungué, campeão moçambicano de 81, considera que o profissionalismo é a única solução para o futebol:

— O jogador tem que se sentir um privilegiado. Se pudessem, todos iriam para Portugal, que se ressenta da falta de valores e os receberia bem.

No entanto, a própria equipe de Rodrigues dos Santos nasceu de uma fábrica, a Têxtil, da capital português, e é financiada por ela. O treinador, nos dias de vitória, costuma reviver o hábito de comemorar levando os jogadores para jantar num restaurante, uma das poucas compensações dos jogadores, na época do semi-profissionalismo. Ele acha que o jogador moçambicano não é inteligente, por isso exige o mínimo possível de tática à equipe.

O presidente da Federação, Manuel Jorge, abandona o escritório da companhia de navegação, onde trabalha, às 17h30min, e ocupa seu gabinete na Federação para um expediente de duas horas. Para ele, o mais complicado é destruir o aparelho colonial que existe dentro do futebol e criar uma mentalidade nova durante o expediente. Procura conciliar antigas diretorias de clubes com os representantes das empresas integradoras, que passam a dividir o poder.

— O fenômeno Portugal já passou — diz Manuel Jorge. — Os ordenados fabulosos de jogadores brasileiros e portugueses já não nos dizem nada. Das dezenas de jogadores que foram a Portugal, apenas cinco ou seis chegaram até eles. A maioria voltou desiludida, sem dinheiro e em fim de carreira. Nosso jogador não se deixa mais deslumbrar.

Antes da independência, vários clubes portugueses tentaram levar Calton, mas as negociações acabaram não saindo. Mesmo depois da revolução, o Benfica, o Belenenses e o Boavista tentaram contratá-lo, e um chegou a mandar um jogador moçambicano para convencê-lo a ir:

— Mas compreendi que não valia a pena ir para Portugal, vestir a camiseta de uma seleção que não era a nossa. Se eu fosse, estaria traindo os homens que passaram 10 anos lutando pela nossa libertação. Passei a me interessar mais em fazer com que nosso futebol evoluísse para competir com outros.

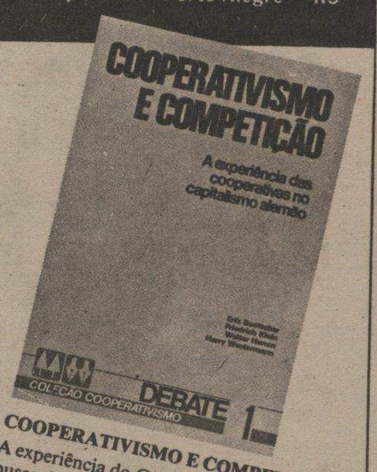
Licínio Azevedo

VAMOS LUTAR JUNTOS!

Para Deputado Federal

Omar Ferri

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS



COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.
Coleção Cooperativismo
Selo Debate nº 1
Cr$ 200,00

Amaral abaixo da crítica

As principais empresas de economia mista da administração do governador Amaral de Souza estão operando abaixo do ponto crítico, diz o Tribunal de Contas. O Estado está quase falido

Por Delmar Marques

O governador Amaral de Souza praticamente faliu com o Rio Grande do Sul e as empresas de economia mista do Estado estão, em grande parte, abaixo do ponto crítico, revela o parecer prévio do Tribunal de Contas ao examinar os números do exercício de 1981. Esse relatório somente chegará ao plenário da Assembléia Legislativa após as eleições devido às manobras parlamentares do PDS. Nele consta que a Companhia Estadual de Energia Elétrica registrou um prejuízo operacional no ano passado da ordem de Cr$ 37,6 bilhões, quantia impressionante se considerado que sua receita bruta do período foi inferior ao resultado negativo, somando menos de Cr$ 34 bilhões.

Levando em conta os resultados de todas as empresas de economia mista, o déficit operacional, que já fora de Cr$ 8,8 bilhões em 1980, subiu para Cr$ 37,8 bilhões, ou seja, 326,7%. Conforme o Tribunal de Contas, "esse déficit foi ocasionado pelo resultado negativo de 12 empresas, a saber: Agasa, Disprodal, Cedro, CEEE, Cintea, Corlac, Corsan, CRM, CRT, Progasa, Vinosul e Cotepe.

Mais grave foi o endividamento registrado, interna e externamente, pela administração centralizada para tapar todos os furos da gestão Amaral de Souza. O passivo permanente — dívida interna e externa — que em fins de 1980 era de Cr$ 35,9 bilhões, subiu para Cr$ 99,9 bilhões em 1981. O Governo estadual conseguiu amortizar, ou seja, pagar apenas Cr$ 7,3 bilhões. Ainda segundo o tribunal. "Foi o aumento da dívida fundada a principal causa da situação líquida negativa acusada no balanço patrimonial da administração centralizada do Estado, tendo em vista a insuficiência de recursos próprios de que o Estado dispõe para horar seus compromissos".

Essa linguagem técnica que permeia todo o parecer dos conselheiros do Tribunal de Contas traduzida para o entendimento popular significa, pura e simplesmente, que o Estado não tem como pagar suas contas. Na década de 1972 a 1981, a receita cresceu apenas 167,8% enquanto a dívida total aumentou em 319,7%, ou seja, foi 90,5% superior a arrecadação de impostos do período. Os governadores gastaram quase o dobro do que arrecadaram.

Se o Estado está quase falindo, as empresas de economia mista apresentam um quadro insustentável. Na CEEE, as despesas financeiras — aquelas referentes ao pagamento das dívidas de cada exercício — aumentam numa proporção geométrica: foram de Cr$ 4,4 bilhões em 1979 e chegaram a Cr$ 44,4 bilhões em 1981. O tribunal afirma que "a CEEE nos últimos quatro exercícios operou abaixo do ponto crítico, ou seja, a receita operacional não foi suficiente para cobrir as despesas operacionais". A garantia dada pelos capitais próprios da empresa é cada vez menor: de 1,28% em 1979 caiu para 0,58% em 1981, o que significa que as garantias alcançam pouco mais da metade da dívida. A curto prazo, a liquidez imediata é de apenas 0,05%, o que, traduzindo do economez, quer dizer que para cada Cr$ 100,00 de dívida a ser saldada nos próximos meses, os recursos próprios cobriam apenas Cr$ 5,00, levando a empresa a endividar-se ainda mais para saldar seus compromissos.

O caso da Companhia Intermunicipal de Estradas Alimentadoras (Cintea) chega a ser absurdo. O Tribunal atesta que "a companhia, nos últimos três anos, não possui Patrimônio Líquido, mas sim, um Passivo a Descoberto, com uma posição negativa de 1,18% em 1979, 15,13% em 1980 e 50,85% em 1981, em termos relativos. O patrimônio líquido da Companhia foi totalmente absorvido pelos prejuízos acumulados". Em 1981, o prejuízo operacional foi de Cr$ 743 milhões e os conselheiros acrescentam que "a tendência da Cíntea é, como se verifica, de permanecer operando abaixo do ponto de equilíbrio".

A Corsan apresentou um resultado negativo operacional de Cr$ 4,4 bilhões, representando um incremento negativo de 217.04% sobre o ano passado. Mas no balanço, ela apresenta um falso lucro líquido, decorrente do saldo da correção monetária que foi de Cr$ 4,8 bilhões. Por uma manobra contábil, o ativo permanente aumentou em Cr$ 9,1 bilhões e o patrimônio líquido em apenas Cr$ 4,3 bilhões pelo emprego de correção estrapolada. No balanço, fica a impressão de que a empresa apresentou lucro. O prejuízo operacional, que é o que deve ser considerado, acaba aparecendo bem claramente, entretanto.

Aliás, o próprio tribunal chama a atenção para esse tipo de manobra quando coloca que "muitas dessas empresas potencialmente deficitárias conseguiram apresentar resultados menos desfavoráveis ou até positivos, utilizando-se do procedimento contábil da compensação de saldos de correção monetária, permitido pela lei 6404/76 e que resulta numa idéia imprecisa a respeito da real situação financeira das entidades".

Apenas as empresas do Grupo Banrisul (banco, corretora, financeira, imobiliária, computação, seguradora, distribuidora e Cacergs) contribuíram com quase 80% do resultado operacional positivo de Cr$ 5,9 bilhões que amenizou os prejuízos das demais empresas de economia mista estaduais. Caso contrário, o déficit somado seria de Cr$ 43,7 bilhões no global.

Mas o Banrisul, ainda que tenha apresentado lucro operacional, não teve um bom desempenho, ao contrário dos demais bancos comerciais do País que continuam registrando grandes lucros. A rentabilidade que foi de 43,27% em 1978 caiu para apenas 23,32% e o resultado

operacional desceu, no mesmo período, de 23,46% para somente 5,63%. O próprio tribunal, comedido em suas avaliações, ressalta que "o Banco não vem apresentando bom desempenho na formação de lucros".

O balanço da Companhia de Desenvolvimento Regional e Obras (Cedro) deixa transparecer claramente como os prejuízos foram amenizados, em muitas empresas públicas, pelo artifício da correção monetária. "Deve-se considerar que o prejuízo foi amenizado em Cr$ 20 milhões com a inclusão do resultado da correção monetária", salienta o tribunal. Caso contrário, em vez de Cr$ 43 bilhões de prejuízo, seriam Cr$ 63 milhões.

No exame das contas da administração direta, descobriu-se, também, que os principais devedores do Estado são, justamente, as empresas de economia mista estaduais. Além de uma pessoa física, Danilo Landó, ex-diretor da Metroplam, nove empresas estaduais e a União são responsáveis por 91,7% do crédito que o Estado tinha a receber no final do exercício.

Primário com menos escolas e matrículas

Mais de 400 mil crianças em idade escolarizável, de 7 a 14 anos, ficaram sem escolas no Rio Grande do Sul devido a administração Amaral de Souza adotar uma política de fechamento de estabelecimentos e redução do número de matrículas iniciais, ano após ano. O desrespeito ao princípio constitucional que obriga o Estado a fornecer a educação, ficou evidenciado no relatório do Tribunal de Contas sobre os atos do governador gaúcho no exercício de 1981.

A rede de ensino de primeiro grau, atesta o parecer prévio dos conselheiros, decresceu de 2.978 estabelecimentos em 1978 para 2.935 em 1979, 2933 em 1980 e 2.818 em 1981. Ou seja, durante seu mandato, Amaral de Souza fechou 160 escolas primárias. O número de matrículas iniciais, conseqüentemente, caiu de 1.402.390 em 1978 para 1.357.725 em 1981. Como, nesse período, a população em idade escolarizável cresceu de 1.605.601 para 1.766.970, pelos cálculos do tribunal, o governo gaúcho deixa de atender 409.245 crianças em idade escolar.

Também no ensino de segundo grau, o número de matrículas foi reduzido de 235.720 em 1977 para 226.976 em 1981, quando a população escolarizável atingiu a 963.470. Portanto com uma defasagem de 736.494 vagas para estudantes de segundo grau. Esse quadro voltou a preocupar os conselheiros do tribunal que já haviam feito uma advertência nesse sentido no relatório anterior.

Também para as atividades culturais houve corte significativo de verbas. O total de Cr$ 315 milhões destinado ao setor representa um incremento de apenas 64.82% sobre as verbas do ano anterior. Descontada a inflação, houve uma redução de cerca de 25% para aplicação em cultura. Comparando com os anos de 1979 e 1980, em 1981 também foram reduzidas as dotações para excepcionais atendidos em escolas especiais. Eram 8.700 em 1979 e foram apenas 856 em 1981.

Foto Luiz Eduardo Achutti

Amaral: herança de dívidas e Estado falido

PDT COLLARES VOTE SOCIALISTA COLLARES PDT

DEP. FEDERAL
OLGA C. ARAUJO
N.º 217

DEP. ESTADUAL
R. FELKER
N.º 2221

VEREADOR
PEDRO RUAS
N.º 2605

Gabriel García Márquez

Quando recebeu o telefonema do vice-ministro das Relações Exteriores da Suíça, Pierre Shori, anunciando que ganhará o Prêmio Nobel de Literatura, Gabriel García Marquez exclamou: "É um alívio não ter que ser candidato novamente". Principal nome de uma literatura que deslumbrou o mundo no início dos anos 70, García Marquez é o quarto escritor latino-americano a receber o prêmio da Real Academia Suéca — os outros foram os chilenos Gabriela Mistral (1945) e Pablo Neruda (1971) e o guatemalteco Miguel Angel Astúrias (1967).

Conhecido principalmente por suas novelas **Ninguém Escreve ao Coronel, Os Funerais de Mamãe Grande, O Outono do Patriarca**, e sobretudo, **Cem Anos de Solidão**, o escritor permite-se arrojadas incursões no jornalismo, principalemte sobre conflitos internacionais, assuntos latino-americanos e do Terceiro Mundo, em geral. Ele declarou que pretende utilizar os 157 mil dólares do prêmio para abrir um jornal diário em Bogotá, que "será um prêmio em favor do jornalismo", segundo ele.

A seguir, reproduzimos um de seus textos mais recentes, sobre o massacre dos Palestinos no Líbano e as repercurssões na Europa:

Um Nobel da Morte para Begin e Sharon

O mais incrível é que Menachem Beguin seja Prêmio Nobel da Paz — ainda agora custa muito acreditar — desde que o recebeu em 1978, junto com Anuar el Sadat, então-presidente do Egito, por ter subscrito um acordo da paz separada em Camp David. Aquela determinação espetacular custou a Sadat o repúdio imediato da comunidade árabe e mais tarde lhe custou a vida. Para Beguin, em troca permitiu-lhe a execução metódica de um projeto estratégico que ainda não terminou. Há poucas semanas, propiciou um massacre bárbaro de mais de mil refugiados palestinos em acampamento de Beirute. Se existisse um Prêmio Nobel da Morte, este ano o teriam atribuído, sem rivais, ao mesmo Menachem Beguin e a seu assassino profissional Ariel Sharon.

Sem dúvida, vistos agora, os acordos de Camp David não tinham para Beguin outra finalidade senão cobrir as costas para exterminar, primeiro, a Organização para libertação da Palestina (OLP) e estabelecer, logo, novos assentamentos israelenses em Samália e Judéia. Para quem tem uma idade que permite recordar os feitos dos nazistas, estes dois propósitos de Beguin suscitam reminiscências espantosas; a teoria do espaço vital com a qual Hitler se propôs a estender seu império em meio mundo e que ele mesmo chamou "a solução final" do problema judaico, que conduziu aos campos de extermínio mais de seis milhõesde seres humanos inocentes.

A ampliação do espaço vital do Estado de Israel e a solução final do problema palestino — tal como hoje o concebe o Prêmio Nobel da Paz de 1978 — iniciaram-se na noite de 5 de junho passado,com a invasão do Líbano por forças militares israelenses especializadas na ciência da demolição e do extermínio. Menachem Beguin tratou de justificar esta expedição sangrenta com dois argumentos falsos. O primeiro foi a tentativa de assassinato do embaixador de Israel em Londres Shlomo Argov, no final de maio. O segundo foi o suposto bombardeio da Galiléia pela OLP, refugiada no Líbano. Brguin acusou a resistência palestina pelo atentado de Londres e ameaçou com represálias imediatas, mas a Scotland Yard revelou, mais tarde, que os verdadeiros autores eram membros da organização dissidente de Abou Nidal, que nos meses anteriores havia assassinado vários dirigentes da OLP. Em relação ao segundo argumento, comprovou-se logo que os palestinos dispararam somente duas ou três vezes contra a Galiléia e causaram um morto Os disparos foram em represália pelos bombardeios de Israel contra os campos de refugiados palestinos que provocaram a morte de várias centenas de civis.

Na verdade, a guerra sem coração desatada por Beguin com base naqueles dois pretestos não era novidade para os leitores do semanário israelense **Haclam Haze**, que a anunciava, com todos os seus pormenores, desde setembro de 1981. Quer dizer, nove meses antes. Contra o refrão,segundo o qual uma guerra avisada não mata ninguém, as tropas israelenses — que são consideradas entre as mais eficazes e preparadas do mundo — mataram nas duas primeiras semanas quase 30 mil civis palestinos e libaneses e converteram em escombros meia cidade. Suas perdas, no mesmo período, não passaram de 300.

Agora a estratégia de Beguin é muito clara. Ao destruir a OLP, tratou de eliminar o único interlocutor palestino que parecia capaz de negociar uma paz fundada sobre a base da instalação de um Estado palestino independente na Cisjordânia e em Gaza, que o próprio Beguim proclamou como territórios ancestrais do povo jedeu. Este acordo estava ao alcance da mão desde 4 de julho, quando Yasser Arafat, presidente da OLP, aceitou o princípio de um recolhimento recíproco dos povos de Israel e Palestina, numa entrevista publicada pelo **Le Monde**, de Paris, naquela data. Mas Beguin ignorou essa declaração que entorpecia seus projetos de expansionistas já em pleno desenvolvimento e prosseguiu com o estabelecimento de um cordão de segurança em torno de Israel. Uma troca de Governo na Síria poderia ser o passo mais imediato, com extensão conseqüente de uma gerra desigual e sem quartel, cujas conseqüências finais são imprevisíveis.

Eu estava em Paris em junho passado quando as tropas de Israel invadiram o Líbano. Por casualidade, estava também no passado, quando o General Jaruzelsky implantou o poder militar na Polônia, contra a vontade evidente da maioria do povo polonês. E também por casualidade lá estava quando as tropas argentinas desembarcaram nas Ilhas Malvinas. As reações dos meios de comunicação ante esses três acontecimentos, assim como as dos intelectuais e da opinião pública em geral foram, para mim, uma lição inquietante. A crise na Polônia produziu na Europa uma espécie de comoção social.

Eu tive a boa idéia de juntar a minha assinatura as dos muito notáveis intelectuais e artistas que subscreveram um convite para homenagear o heroísmo do povo polonês, que se celebrou no Teatro da Ópera de Paris, patrocinado pelo Ministério da Cultura da França. Sem dúvida, alguns anti comunistas profissionais me acusaram em público de que meu protesto não fora tão histórico como o deles. Naquele clima passional, toda a atitude que não era maniqueísta era considerada ambígua.

Em troca, quando as tropas de Israel invadiram e ensangüentaram o Líbano, o silência foi quase unânime inclusive entre os mais exaltados Jeremias da Polônia, apesar de que nem o número de mortos nem o tamanho dos estragos admitiam qualquer possibilidade de comparação entre a tragédia dos países. Ainda pelos mesmos dias, os argentinos recuperavam as Ilhas Malvinas e o Conselho de Segurança das Nações Unidas não esperou 48 horas para ordenar a retirada das tropas, nem a Comunidade Econômica Européia pensou muito para impor sanções comerciais à Argentina. Em troca, nem esse mesmo organismo nem qualquer outro da mesma envergadura ordenou a retirada das tropas israelenses do Líbano naquela ocasião. O Governo do presidente Reagan, sem dúvida, foi o cúmplice mais serviçal da quadrilha sionista. Por último, a prudência quase inconcebível da União Soviética e a fragmentação fraterna do mundo árabe acabaram por completar as condições propícias para o messianismo demente de Beguin e a barbárie guerreira do general Sharon. Tenho muitos amigos, cujas vozes fortes poderiam ser escutadas em meio mundo, que queriam e, sem dúvida, continuam querendo expressar sua indignação por este festival de sangue, porém alguns deles confessam, em voz baixa, que não se atrevem por temerem ser apontados como anti-semitas. Não sei se serão conscientes de que estavam cedendo ao preço de sua alma — ante uma chantagem inadmissível.

A verdade é que ninguém esteve tão só como o povo palestino em meio a tanto horror. Desde o princípio da invasão do Líbano, começaram em Tel Aviv e outras cidades as manifestações populares de protesto que ainda não terminaram e que alcançaram uma força emocionante. Eram mais de 400 mil israelenses proclamando pelas ruas que aquela guerra suja não era deles, por que está distante de ser a de seu Deus, que durante tantos e tantos séculos tivera complacência com a convivência de palestinos e judeus sob o mesmo céu. Em um País com três milhões de habitantes, uma manifestação de 400 mil pessoas equivaleria, em termos proporcionais a uma de quase trinta milhões em Washington.

É com este protesto que me sinto identificado cada vez que recebo as notícias das hostilidades dos Beguins e dos Sharons no Líbano e em qualquer parte do mundo. E com ele quero somar a minha voz de escritor solitário pelo grande carinho e admiração imensa que sinto por um povo que não conheci nos jornais de hoje, mas na leitura assombrada da Bíblia. Não temo a chantagem do anti-semitismo, não temi a chantagem do anticomunismo profissional, que andam juntos e às vezes revoltos, sempre fazendo estragos semelhantes neste mundo desgraçado.

Simon: "PMDB funciona como o partido trabalhista inglês"

A vida do senador Pedro Simon começa por sua eleição para a presidência do Grêmio Estudantil do Colégio Rosário. Pelo menos é assim que ele responde a uma pergunta mais pessoal sobre sua biografia. Esta importância da política na vida deste advogado de 52 anos lhe aleu uma das mais bem sucedidas carreiras políticas do Rio Grande.

É um político polêmico, mas geralmente respeitado até pelos adversários. Acusado de fazer qualquer negócio para realizar um velho sonho: ser governador do Estado, Simon é defendido como o mais legítimo dos quatro candidatos ao cargo — "ele já devia ter sido eleito em 70 ou 74", dizem os correligionários.

Acusado de trair o trabalhismo, por ter enfrentado Brizola na volta do exílio; foi ele quem reorganizou as oposições no Rio Grande nos duros tempos do pós-64. Acusado de ser um político medroso, formado durante o período de maior repressão no País Simon responde com um currículo na tevê em que fala de grandes vitórias eleitorais como: a maior votação já obtida por um candidato a deputado estadual em todo o País (1970) e uma diferença de 400 mil votos contra três candidatos ao senado pela Arena (1974).

É difícil acreditar que quando Jorge Simon emigrou de Kfur, no Líbano, para o Brasil, em 1945, ele pudesse imaginar seu filho como um provável governador de um estado brasileiro. O senador fica emocionado quando fala do pai. Pedro Simon foi criado por uma tia porque perdeu a mãe antes de completar seu primeiro ano de vida. Ele também se emociona quando fala do assassinato de dois tios em um incidente de rua em Caxias do Sul numa noite de natal. Do pai mascate, restou apenas uma participação acionária na loja Salém, na rua Protásio Alves em Porto Alegre. O senador reage quando alguém lhe diz que é um advogado que nunca exerceu a profissão.

"Advoguei, sim" responde. Em Caxias e em Porto Alegre onde tem um escritório com Luis Billibiu, Ivo Fernandez e Valkírio Bertoldo. Mas depois, admite que há muitos anos não trabalha mais no ramo. É casado com dona Tania, formada em sociologia, e tem três filhos Thiago, Matheus e Thomaz.

A política começa pelo Colégio Rosário, passa pela Faculdade de Direito da PUC em Porto Alegre — três anos presidente do Centro Acadêmico Maurício Cardoso. E no movimento estudantil chega à presidência da Junta Governativa da UNE — União Nacional dos Estudantes — em 1956. Tudo, diz Simon, sob a influência das idéias de Alberto Pasqualini. Eleito vereador da cidade onde nasceu, Caxias do Sul, em 1960, chegou à Assembléia Legislativa em 1963. Foi o deputado eleito com menor votação da bancada do PTB. Um ano depois quando a bancada foi "dizimada" pelo movimento de março, ele começou a assumir a liderança do trabalhismo no estado. As primeiras divergências com Brizola aconteceram no final dos anos sessenta, quando Simon começou a seguir uma linha independente na liderança partidária. Ele não atendia as "ordens" vindas de Montevidéu através dos "pombos correio".

Seus adversários criticam o fato de não ter exercido funções executivas. Em compensação ficou 16 anos na Assembléia e saiu de lá com um milhão setecentos e cinqüenta mil votos para Brasília e para a secretaria nacional do PMDB. Nesta entrevista à equipe do Coojornal, o "Turco" como é chamado pelos assessores, fala de política, dos militares, de economia, mas especialmente de suas diferenças com Brizola e o PDT.

Num momento Brizola achou que tinha 10 senadores

Cheguei a esta posição de candidato sem querer. Não nego que o meu nome já tinha sido cogitado em 70, 74 e 78, mas agora nosso esforço era maior no sentido de obter a unidade das oposições. Desde que cheguei no Senado em Brasília isto estava acima da minha candidatura. Eu sabia desde o início, de modo especial conhecendo o doutor Brizola, que se houvesse a unidade, uma das condições que ele imporia era a de que minha candidatura não fosse posta na mesa para discussão. Aliás ele deixou isto muito claro... mas nunca pensei que o Brizola levasse isto às últimas conseqüências.

Em que momento o senhor se deu conta disso?

Quando ele insistiu que eu fosse candidato, mas pelo PTB, e eu o convidei para que ficássemos todos no PMDB. Em um determinado momento histórico fizemos uma reunião no Senado. Uma comissão de senadores propôs ao Brizola que ficássemos no mesmo partido. O nome poderia ser Partido Trabalhista, só não entrava o B. Brizola pediu tempo para pensar e antes de dar uma resposta passou a compactar com alguns senadores. Teve um momento de grande euforia quando ele pensou que ia ter uns dez a doze senadores. Aí, não veio para o entendimento.

Havia base para esta euforia?

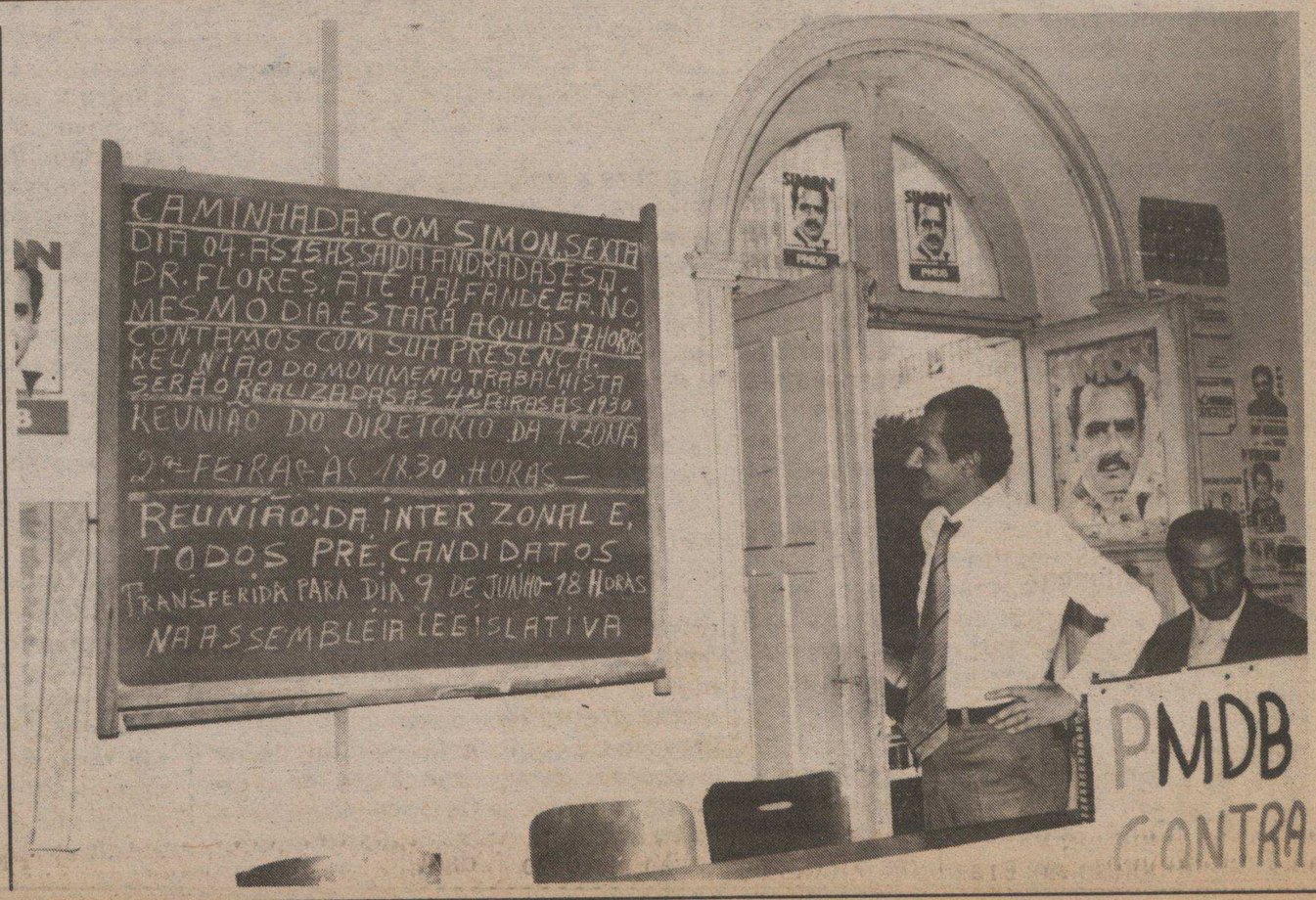
Tinha, a imprensa na época dava muita força para ele, ninguém queria brigar com o Brizola. Mas todos fecharam com a idéia de ficar no PMDB. Ele terminou não pegando nenhum. Tem o Saturnino agora, mas por outras razões... a incorporação. Aqui no estado eu já tinha até candidato para o governo prevendo a conciliação, nunca falei nisso, era o Ajadil de Lemos.

Isto foi antes da proibição das coligações... e depois?

Este foi um segundo momento, o pacotão de novembro. Isto que eu já tinha advertido: olha que o governo vai proibir. Ele respondia: se o governo proibir nós faremos coligações até atrás da igreja. Um partido lança candidato a governador e outro não. Um lança a senador e o outro não. Quando veio o pacotão, fiz um pronunciamento no Senado. Abria mão da minha candidatura, desde que o PDT se integrasse à incorporação proposta pelo PP. O Odacir Klein ficou encarregado de fazer contatos com o PDT e o PT, infelizmente nao aceitaram. O candidato do PDT aqui (COllares) me apontava como o novo Jânio Quadros, dizendo que eu já estava derrotado. Falaram que eu estava me retirando porque não tinha chance de ganhar. E aí tive que ir em frente.

Existe possibilidade de contornar esta situação no futuro?

Eu acho que agora as coisas estão muito complicadas. Mas tudo vai depender de 15 de novembro. Ou eu muito me engano, ou vai acontecer o que acontece nos Estados Unidos e Inglaterra. Vão ficar dois grandes partidos — PMDB e PDS — e partidos menores sem significado que nem chegarão a ser o fiel da balança. O PMDB vai bem maior ganhando em muitos estados. E com o voto vinculado é fácil compreender que nossa bancada aumento no Senado e na Câmara. E aí não sei o que vai ser destes parti-



Fotos de Luiz Eduardo Achutti

Fotos de Luiz Eduardo Achutti

dos pequenos. O PDT, por exemplo, existe só no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. O PT tem 3% aqui, tem São Pauloe Rio, mas nos outros estados não está fácil.

Na sua opinião o vencedor das eleições terá de compor?

Vai... Na verdade esta é até uma das minhas esperanças. O PDS pode até ganhar as eleições para governador, mas uma das verdades mais tranqüilas que existe hoje é a de que a oposição terá maioria no Congresso.

E a nível regional? Existe possibilidade de aliança?

E uma situação muito delicada. Infelizmente eu não desconfiei que o Brizola ia fazer o que fez. Quando chegou em São Borja (NR: retorno do exílio de Leonel Brizola em setembro de 1979), ele disse que nos últimos anos não tinha havido oposição no Brasil. E já foi tentando compor com os vereadores da cidade contra nós. Naquela altura o Collares queria fazer um pacto de sangue, na Vila Manresa, para todos ficarem juntos.

Fiquei dois meses em Brasília lutando pela unidade e o PTB colhendo assinaturas. Se vocês consultarem os vereadores de Porto Alegre, eles vão dizer que foram convidados na base do: olha, vamos para o PTB, até para servir de ponte para o Simon poder vir atras.

A pergunta é, se o PMDB no governo...

Eu sempre faço a proposta: vamos fazer com que nosso adversário seja o PDS. No entanto, eu tenho andado aí pelo interior, leio os jornais e para o Collares o adversário é o PMDB. Ele troca umas palavrinhas com o Jair e vem contra o Simon. Ao contrário do PT, justiça seja feita, faz as críticas naturais, dizem que o projeto deles é diferente do nosso, isto é normal. Agora o PDT não. Primeiro me chamou de traidor, agora é traidor e covarde. A gente sente o trabalho do Collares nesta campanha. Se fosse feito um esquema para facilitar a vitória do Jair seria mais bem feito.

Se é uma armadilha, ela está sendo bem sucedida. Estamos aqui há uma hora e só falamos da crise com o PDT.

Aí já é um defeito meu. Eu sou um baita dum prolixo e vocês entraram por este caminho. Quero dizer que não deu para perceber que o Brizola tenha sido conchavado.

É que o homem quando bota uma idéia na cabeça, nem Deus tira dele. Ele acha que a intuição dele é a dona da verdade.

> As cooperativas são a única força que temos para a agricultura

COOJORNAL — As cooperativas de produção encaminharam aos candidatos ao Governo um documento que tem uma série de reivindicações, inclusive a de criação de uma espécie de Secretaria de Estado, a indicação de um secretário de Estado para a Agricultura, plenamente identificado com o cooperativismo. Como é que o PMDB vê esta colocação das cooperativas?. SIMON — Eu estou olhando com o maior respeito, a maior seriedade e com a maior importância o movimento do chamado novo cooperativismo. Essas novas idéias, mais avançadas e tremendamente mais progressistas. Já falei isso em diversas conversas que nós tivemos, que o meu Governo vai dar uma força Muito grande ao cooperativismo. Pretendemos sentar em torno de uma mesa e buscar o fortalecimento do cooperativismo, não só através do cooperativismo tradicional, mas do cooperativismo nós tentaremos buscar o que nós chamamos de diversificação de produção. Acho que o cooperativismo é a única grande força que nós temos para fazer com que o Rio Grande do Sul possa realmente diversificar sua produção. Agora, no meu governo, a influência do movimento cooperativista será muito grande. E pretendemos realmente, alguns cargos de mando, debater, discutir. Porque eu não posso compreender como o cooperativismo teve e tem uma expressão tão grande, mas que teve início uma expressão ainda maior no Estado, existe praticamente sem participar. Não existe nada no Estado que se identifique como proteger, estimular, aperfeiçoar o movimento cooperativista.

COOJORNAL — **Qual é a sua expectativa com relação à atuação dos militares nesta conjuntura?.**

SIMON — Eu acho que os militares, no fundo, devem estar cansados disto que está aí, sabe? Na verdade são tantos os fracassos do sistema e os militares são povo. Têm filhos, têm irmãos, têm parentes, têm mulheres e por onde eles andarem devem ver, a esta altura dos acontecimentos, a inconformidade generalizada de toda a sociedade. Eu acredito que, afora aqueles que estão participando, que têm algumas vantagens e participam em sociedades de economia mistas e empresas multinacionais, a maioria acredito que gostaria de voltar para os quartéis e cuidar das suas missões específicas. Outro aspecto importante: nós do PMDB, por exemplo, não queremos buscar, nem nesta vitória de 15 de novembro e muito menos na vitória para a presidência da República, nenhum acerto de contas, nenhum revanchismo. Nós achamos que seria um círculo vicioso, seria um mal que nós prestaríamos muito grande a este País se nós tentássemos reviver aquilo de danoso, de dramático, de de cruel, de violências que foi feito neste País. Me parece que só o fato de buscarmos a paz, buscarmos a liberdade, buscarmos a tranqüilidade é mais importante do que querer um tribunal de Nuremberg, até porque ao fazer isso nós não teríamos que não ficar lá embaixo, como agente que participou, mas começar, subindo, subindo, e terminaríamos chegando nos principais responsáveis que por ação ou por omissão deixaram que as coisas fossem praticadas; então, achamos que os filhos dos que foram injustiçados, foram violentados, tenham a reparação de viver num País onde haja liberdade, normalidade, paz social onde haja um novo modelo econômico-social e possamos realmente respirar uma nova sociedade. Por isso, eu acho que os militares terão a grande oportunidade de pacífica e ordeiramente voltarem aos seus lares sem estarem na expectativa de que irão parar nas barras de um tribunal. Pelo menos por parte do PMDB não é o objetivo.

> Se ficamos juntos no arbítrio porque não ficaremos

COOJORNAL — E os riscos de desintegração do PMDB após as eleições ?

Há dentro do PMDB perspectiva muito grande de se consolidar no futuro, embora eu reconheço que não no conjunto que é hoje. O que é o PMDB hoje? Me Perdoe a sinceridade, estão acusando o PMDB de uma frente, como se fosse uma gozação. Em primeiro lugar, duas coisas: eu quero que me dêm exemplo no mundo de um regime de ditadura que foi derrubado por um partido político. Eu não conheço. Eu sei é que em todos os regimes de força, o povo se uniu para derrubar o regime. Isso é fundamental. Aquele que partiu para dividir a unidade na hora do confronto para buscar a normalidade democrática fez o jogo daquele que está no poder, porque o fundamental é nós nos unirmos para conseguirmos um estágio de democracia e de liberdade para depois fazermos o debate interno. Essa é uma coisa que me parece importante. Dizem que o PMDB é uma frente, pois eu me atrevo a dizer que é além

de uma frente. Então, nesta hora de grande luta, de confronto, eu me atreveria a dizer que o PMDB é mais que uma frente, ele se consubstancia no sentimento da sociedade. É a Nação Brasileira que se identifica no PMDB e na luta contra o regime. Isto é o que a gente sente quando vê a declaração de um jornalista, de um intelectual, e que muitas vezes afirmam: eu sou de PT, sou de tal partido, mas vou votar no PMDB porque quero ganhar. Agora, depois do dia 15 de novembro, depois da normalização da vida democrática, vinda a normalização, aí é evidente que o PMDB, no seu todo, poderá ter os grupos que deverão se formar, mas isso, por enquanto, não passa pela cabeça do PMDB. O que há é praga, não análise política. E no Rio Grande do Sul é PDT de um lado e PDS do outro, os dois usando da mesma linguagem em relação ao PMDB: Depois de 15 de novembro haverá uma desintegração. Os dois vêm para cima do PMDB no sentido de querer que o PMDB se estraçalhe. Agora, o que há por parte de todos os caras que formam o PMDB, é exatamente o contrário. O que eles querem é se integrar, até porque, em primeiro lugar, se nós ficamos juntos na hora mais dura, que era na hora de ser oposição, por que nós vamos nos desintegrar em São Paulo, com Montoro no Governo? Por que nós vamos nos desintegrar em Minas, com o Tancredo no Governo? Por que nós vamos nos desintegrar no Paraná, com o Richa no Governo ? Por que nós vamos nos desintegrar no Rio Grande do Sul, com o Simon no Governo? Não há lógica neste sentido. Quem diz isto é a provocação violenta daqueles que querem usar este argumento para inutilizar o voto útil. Não adianta votar porque depois vai acontecer isto. O que está acontecendo hoje, fato concreto, que estão discutindo, dou os nomes, Lomanto Júnior, senador Cavalcanti, lá de Alagoas, é dentro do PDS, que tem um grupo de parlamentares que está falando, e que eu acho difícil, em fundar o Partido Liberal, PL, para se ver livre do PDS, do Governo. Eles estão falando em fundar um partido. Se vão fazer, não sei.

COOJORNAL — O senhor falou sobre imoralidade administrativa. O senhor tem exems concretos? Geralmente quando se fala assim se pensa logo em dispensa em massa. Começa por aí.

SIMON — Não. Eu não penso em dispensa em massa. A caça às bruxas não resolveria absolutamente nada. Agora, eu dou alguns exemplos no Palácio do Governo, em material de construção: em 1981, 21 milhões e 500 mil; em 1982, 112.186 mil, um aumento de **420 por cento**. Um ano eleitoral. Está na cara, só não vê quem não quer. Isso é uma verba que o Amaral botou para empregar na Campanha eleitoral. Serviços de terceiros: em 191, 93 milhões; em 1982, 345 milhões e 643 mil, um aumento de **267 por cento**. Transferências de pessoas; que é para o pessoal viajar pelo interior; em 1981, 8.500 mil; em 1982, 54.200 mil, aumento de 537 por cento. Precisa ser só medianamente inteligente para saber o que isto significa.

O doutor Alípio Olmes, médico, há questão de dois meses botou um decalco do Simon e foi descredenciado em Ibiraiara. Outro dado: o Guazzelli me disse que quando ele deixou o Banco do Rio Grande do Sul tinha 5.100 funcionários e hoje tem 11.100, são seis mil funcionários a mais.

COOJORNAL — Esta informação é do Guazzelli ?

SIMON — Sim. No Banco do Rio Grande do Sul. E a Caixa Econômica Estadual de Lagoa Vermelha tem um gerente e quatro subgerentes, sendo que um deles mora em Porto Alegre. Criaram lá em Lagoa Vermelha uma Inspetoria Veterinária e só de pessoal administrativo botaram 20 funcionários. O principal objetivo é combater a raiva canina. Só em Lagoa Vermelha, neste último credenciamento, nomeação de professores, foram contemplados 150 novos professores. E lá o prefeito tem um tio que trabalha no Centro Social Urbano, uma filha na Caixa Econômica Estadual, uma nora na Caixa Econômica Estadual, outra na secretaria da Prefeitura.

COOJORNAL — E as contribuições que este pessoal é obrigado a fazer...

SIMON ... então, são exemplos que eu estou mostrando apenas de coisas que não podem continuar. Estas coisas não há perfeição política que agüente. Existe uma Lei que diz que 90 dias antes da eleição não pode nomear, então o Diário Oficial do dia 12 e do dia 13 de agosto circulou 15 dias depois dessas datas cheios de contratações

A eleição é um confronto pelo diálogo. Não violento

COOJORNAL — **Existe uma diferença ideológica entre o seu pensamento e o do Brizola sobre trabalhismo?**

SIMON — Olha, hoje existe algumas posições que são importantes, muito importantes, diferentes. Nós defendemos a tese de que uma eleição é um confronto, mas é um confronto eleitoral, e que é necessário. O Brizola já em Nova Iorque, aliás ele nunca escondeu isso, diversas vezes disse que um dos argumentos pelos quais ele partia para a divisão, para formar novos partidos, é porque se ficasse todo mundo no PMDB, haveria o confronto, e o confronto seria prejudicial para a chamada abertura, os militares não aceitariam, o sistema não aceitaria. Eu acho que não. Eu acho que toda a eleição é um confronto e nós devemos fazer este confronto, não é um confronto violento, não é um confronto pela luta armada, é um confronto eleitoral. Eu acho que esta é a grande diferença hoje entre a minha posição e a dele.

COOJORNAL — **E na questão de modelo, economia....**

SIMON — ... Não acredito que as diferenças sejam tão reais. Eu acho que as ligações do doutor Brizola com a França, com a Alemanha, com a Social Democracia, na verdade pode ser um avanço, mas estes países, no relacionamento internacional, embora tenham uma posição a nível interno, a nível externo eles têm as posições não muito diferentes do capitalismo internacional. Eu acho que a luta no Brasil é a luta do País em desenvolvimento, a luta Norte-Sul, que pelo diálogo, esperar que pela mão dos países capitalistas a gente vai sair desta crise, não me parece a coisa muito acertada.

COOJORNAL — **Sua condição como Governador, em termos administrativos, teria alguma diferença assim de método, de ação, em relação aos Governos tradicionais, mesmo os Governos oposicionistas? Buscaria outras formas de administração? Há uma discussão muito grande sobre a participação da comunidade, e isso parece ser uma das pedras de toque inclusive da sua própria proposta governamental. De que forma se daria esta participação da comunidade num Governo oposicionista no RS? Como o senhor poderia encarar este centralismo exagerado?**

SIMON — Em primeiro lugar, eu me reporto à expectativa de vitória, pois eu acho que o PMDB vai ganhar. O

PMDB vai ganhar numa série de outros Estados, como eu já citei. Se o Governo maltratar o Rio Grande tem que maltratar São Paulo, Minas, Paraná, então não é só no Rio Grande do Sul. O Governo pode pegar quatro, cinco, seis Estados diminutos, com três por cento da renda nacional, cinco por cento. O que eles dizem não vão poder fazer. Eu não pretendo impor ao povo do Rio Grande do Sul uma realidade mais desorganizada do que esta que está aí. Em outras palavras, hoje, os agricultores, os produtores rurais, os pequenos e médios empresários, os estudantes, os intelectuais, os jornalistas, todos os seguimentos da sociedade, estão exigindo uma mudança do modelo. Só que não há um método. É o discurso de cada um. Um fala aqui, outro lá. E eu pretendo falar a linguagem de todos. Então, quando eu levantar a realidade e as exigências e a problemática do conjunto da sociedade do Rio Grande do Sul. Não será uma nova linguagem que se estará falan-

Simon não viu Jair tomar nenhuma medida contra as multinacionais como Secretário da Saúde e ministro da Previdência

do, será o conjunto. Eu levarei ao debate os problemas dos agricultores, dos pecuaristas, dos liberais, o problema dos semi-terra, dos empresários, dos estudantes, dos universitários. Apenas esta gente toda terá o partido conduzindo, debatendo, participando com eles. Não vai ser um confronto Simon-Governo Federal. Será o Rio Grande do Sul. O que nós buscamos é um conjunto. Isto de um lado, de outro lado há o detalhe que falam tanto do MDB, o que vai ser do PMDB. Há um documento que pela primeira vez um partido faz, um documento alternativo que é o Esperança de Mudança, como há o documento que nós fizemos em Brasília, onde todos os candidatos ao Senado, ao Governo, vice e presidente do partido se comprometeram a ter uma linha de atuação nacional. Não de abrir um enfrentamento com o Governo Federal, mas de ter unidade de decisões, no sentido de que não haja um isolamento. Nas grandes questões, nas grandes teses, nos grandes pensamentos, nós vamos decidir juntos. Por isso que eu digo que eu, por exemplo, não seria candidato a governador, seria uma loucura se eu pertencesse a um partido cujos contornos terminariam no Estado de Santa Catarina. Seria infantil, seria fugir da realidade. Agora, este partido que é nacional terá que ser respeitado. Nós estamos juntos ao Governo Federal na defesa das questões fundamentais. Agora, realmente eu considero uma das coisas prioritárias no meu Governo, e por isso o slogan do meu partido, ao contrário dos outros, do PDS de quem fez **fará**, do PDT **neste o povo confia**. O PMDB não tem slogan em cima do candidato, mas em cima do partido, que é o **vamos governar juntos**, que, aliás, foi o primeiro cartaz do PMDB que apareceu nas ruas. Isto nos parece que não é um slogan eleitoral, é um compromisso com a opinião pública. E a grande diferença está no fato de que nós vamos buscar exatamente, ao invés de governar com os pacotes, ao invés de governar manter o cargo. Me parece que pouco adiantaria no Rio Grande do Sul tirar o Amaral e botar o Pedro Simon; tirar os técnicos dele e botar os do Pedro Simon; tirar os políticos dele e botar os nossos, se não existisse um programa, e além do programa uma prática política. Nós nos atrevemos a dizer que o célebre princípio clássico da democracia, Governo do Povo para o Povo, nós queremos que seja um Governo do Povo para o Povo, com o Povo. Pretendemos realmente que estes conselhos comunitários, os próprios empresários, em vez de eles terem que abrir os jornais e ver as medidas tomadas, conversar com eles antes. Como pretendemos conversar com as comunidades de base, de amigos de bairros, estudantes, agricultores, trabalhadores urbanos, para buscar uma sociedade mais participativa.

COOJORNAL — **No caso de necessidade de maior identificação do partido com o eleitorado, qual será o caminho do PMDB, a nível ideológico?**

SIMON — Depois que o Jair disse num debate conosco que vai subsidiar todos os alimentos, que vai combater as multinacionais, apesar de pertencer a um Governo que faz exatamente o contrário, só porque está em véspera de uma eleição, acho que nós temos que meditar muito,pensar, refletir, para tomar uma posição. O Jair foi secretário da Saúde e ministro da Previdência e trabalhou durante todo o tempo com laboratórios que estão 96 por cento nas mãos de multinacionais. E eu não vi ele tomar nenhuma providência como secretário ou como ministro da Previdência no sentido de que fosse feito alguma coisa para reverter esta situação. Agora, eu acho que tem algumas coisas que são tão fundamentais, tão básicas, que elas têm que ser feitas. Por exemplo, o Brasil sequer é um país capitalista, é um país capitalista selvagem. Algumas práticas que existem nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra, na Alemanha, podem ser admitidas no Brasil. A autonomia sindical é uma delas. Os Sindicatos nos Estados Unidos são uma potência. Eu quando visitei o New York Times vi aquelas máquinas totalmente obsoletas, do tempo do Ararib6ia, e perguntei: "vocês ainda precisam deste tipo de maquinário, não modernizam?" A resposta foi de que era por causa do Sindicato: "se nós fizermos isso, pára o jornal". Os Sindicatos na Alemanha também são uma potência, eles têm até banco, têm tudo. E no Brasil, eu tenho uma série de projetos no sentido de tornar independentes os Sindicatos, que são órgãos de assistência social, e na legislação é uma ponta de lança do Ministério do Trabalho. Então, é isso que eu digo, eu tenho o maior respeito pelo Partido dos Trabalhadores, mas nós não temos nem liberdade e autonomia sindical. Nós temos que lutar neste sentido, pelo direito de greve, que existe em todos os países capitalistas e no Brasil não. O direito de greve existe aqui, só que é proibido, quer dizer, existe só depois disso, depois daquilo, na verdade a lei de greve é uma lei contra a greve. Nova Iorque virou um lixo quando os lixeiros fizeram uma greve. Existe coisas no Brasil, como o problema da terra, quer dizer, não precisa ser socialista para fazer uma reforma agrária, que é fundamental num País como o Brasil. Eu não consigo entender, ninguém me explica, como na Alemanha conseguem viver 60 milhões de alemães e a Alemanha é menor que o Rio Grande do Sul. Aqui não conseguem viver oito milhões de gaúchos. Setenta mil todos os anos têm que abandonar o Rio Grande do Sul. Então, o aproveitamento da terra é um problema fundamental, básico, é um problema da propriedade da terra, mas não para meia dúzia de proprietários. O problema do capitalismo estrangeiro não é um problema de xenofobia, não é um problema de terminar com ele, mas de normalização de uma realidade. Tem uma lei de remessas de lucros, antes de 64 — a primeira a primeira coisa que fizeram foi revogá-la — uma lei que determinava que os lucros do capital estrangeiro fossem aalicados ali onde eram gerados e necessáruis, e não como o capital estrangeiro entrou aqui, tomou conta da nossa indústria do fumo, do vinho, e está entrando agora (e quem é que pode aceitar como lógico e normal o capital estrangeiro entrar na indústria comestível?) com superatacados de comestíveis, onde não precisa dólar, não precisa porcaria nenhuma. Nós temos tudo aqui no Brasil, e no entanto eles estão entrando. Estão entrando e nós conseguimos atacar em parte na indústria transportadora. Na hora que era duro, que era barro, pedra, antigamente, nada. Agora que melhorou, estão entrando. Eu tenho um projeto sobre remessas de lucros, sobre controle da entrada. Eu considero passar o ano pagando um milhão de dólares em royalts em calça Lee, em marcas de gravatas Pièrre Cardin, em perfume, etc... uma estupidez. E todas estas coisas estão acontecendo. Me parece que tem um mundo de coisas que nós temos que fazer até entrar, depois, numa outra discussão, numa outra etapa. E nós vamos e agora, os meios de produção?. Eu acho que esta é uma discussão acadêmica totalmente fora da realidade brasileira. Nós estamos vendo eles tomando conta. Eu assisti a conferência do general Serpa e realmente chama a atenção. Ele faz um levantamento de Carajás que é impressionante. De um lado os caras querendo distribuir pílulas anticoncepcionais para diminuir ao máximo a natalidade naquela região, onde não se pode argumentar que está sobrando gente; por outro lado, estão distribuindo o Grande Carajás, as cartas patentes, à vontade, ao grande capitalismo internacional. Lá pelas tantas, diz ele, no fim do século, que a dívida chega a 500 bilhões de dólares e eles vão dizer " bem, quem sabe isto aqui fica nosso". É um drama gravíssimo, quando se trata de uma denúncia feita por um general respeitado, não é da oposição. Tem coisas como esta, ou como gastar 35 bilhões na política nuclear, da seriedade do gasto público, tem tantas coisas importantes, tem o problema da moralização, nós não podemos aceitar este modelo de produzir para exportar. A agricultura é prioritária, mas é prioriio algodão para exportar, o cacau para exportar... agora, 45 milhões de brasileiros que passam fome, a produção de alimentos para esta gente não é prioritária neste País.

VAMOS LUTAR JUNTOS!
PARA DEPUTADO FEDERAL
OMAR FERRI

Eduardo Tavares
Daniel de Andrade
Pablo Fabián
AGÊNCIA FOTOGRÁFICA
Rua João Manoel, 191 Fone 24.9652 Porto Alegre CEP 90.000

Militares sob suspeita

No mínimo 100 mil pessoas hoje, duvidam da integridade moral dos militares. A população brasileira desde 1964, sob a campanha institucional nacionalista, creditou a classe militar à defesa da lei e da ordem, baseadas na justiça e no cumprimento de normas publicas. Hoje, o resultado desta proposta massiva é um amplo caso judicial. A diretoria do Montepio da Família Militar responde desde 1978 a acusações de utilizar indevidamente a economia popular, fraudar planos e prejudicar a milhares de pessoas.

"Quando tudo transcorre bem, ninguém é suspeito muito menos um general".

Viúvas pensionistas, aposentados e associados do MFM não têm a mesma idéia a respeito da família militar que tinham quando ingressaram na instituição como os primeiros interessados. Olinda Godinho Ayala, por exemplo, recebe do MFM Cr$ 7.200,00, a "pensão" para os planos de "soldo de coronel" prometida na ocasião da assinatura do contrato. Essa pensão não cobre o condomínio e a prestação do colégio da afilhada de Olinda, que ainda conseguiu meia bolsa estudantil. Sobrevivendo graças a uma poupança que guardou da venda de seu apartamento, Olinda sofre limitações na alimentação, economia na luz e na água, mas não dispensa o advogado que a defende contra o Montepio. Ela deveria estar recebendo no mínimo Cr$ 84 mil, que é o valor do soldo anterior ao último reajuste do vencimento dos militares no posto de coronel.

Olinda lembra ainda que seu marido, Sílvio, optou pelo Montepio "por ser dirigido por militares, portanto um investimento seguro". Por volta de dois anos após sua morte, em 1970, Olinda recebeu uma carta do MFM onde era sugerido o seu afastamento da instituição pela quantia de Cr$ 25 mil. "Esta é a prova", diz ela, "de que eles não pretendiam cumprir as promessas e os contratos".

"Nem toda a família militar está envolvida nesta vigarice, nem aprova a atitude da diretoria do MFM". É a opinião de algumas viúvas como Branca Germani de Paula, ex-esposa de um médico-militar, que do exército recebe mais de Cr$ 100 mil, mas do MFM recebe apenas Cr$ 8 mil. Antes de morrer, em 1974, Carlos Berrini de Paula, marido de Branca, já sabia do pagamento defasado que vinha sendo feito às pensionistas pelo MFM. Ele não concordava, dizia Branca, mas "os militares em público jamais revelam divisões internas de opinião. São uma classe muito unida". Sendo da religião espírita, Branca acredita no pagamento "em vida ou em outras vidas". Tal a revolta, Branca afirma não querer de maneira nenhuma estar na pele dos diretores do MFM, quando eles tiverem que pagar pelos danos a milhares de pessoas, "nesta ou em outras encarnações".

Pelo MFM também foram prejudicados militares das mais altas patentes. Um general brigadeiro do ar, Haley Leal Caleotti deixou sua mulher recebendo uma quantia irrizória pela sua morte. Iná Bias Caleotti entrou na justiça e sua causa depende hoje apenas de julgamento. O general Olívio Gondim Uzêda, falecido, estaria de relações cortadas com a ala do MFM, pois sua mulher entrou com uma ação cobrando a pensão que lhe é devida, e hoje tem até dificuldades financeiras.

"Um tribunal Militar não condena militares, pelo menos no Brasil"

Viúva de médico militar, Branca Germani de Paula observa que segundo a lei "interna" jamais o MFM seria condenado por um tribunal militar. "Eles dariam um jeito de provar a inocência".

O julgamento favorável às viúvas, pela justiça civil, já é considerado uma evolução pelo menos para as filhas de Almira Goes, viúva de um policial civil, que assinou no MFM um contrato para pensão de soldo de coronel. Aracy Goes, advogada, acredita que o momento político em que se encontra o país tenha facilitado a posição favorável do juiz em relação às viúvas e contrária aos militares.

Mas existem alguns lugares em que os militares exercem uma função mais intensa, mesmo "em tempos de abertura". Um assessor da SUSEPE (Superintendência de Segurança Previdenciária), afirmou que todos os técnicos que estiverem realizando a inspeção no Montepio da Familia Militar, não encontram-se mais trabalhando na SUSEPE, "estranhamente", em sua opinião. O sigilo sobre esta inspeção e sobre a documentação que deveria ter sido apresentada pelo MFM para a sua regulamentação, torna suspeita a informação de que "os tempos mudaram". Segundo a portaria publicada no Diário Oficial, no mês de junho de 1982, o ministro Ernani Galvêas pede que antes da emissão de carta patente do MFM, este apresentasse "exigências de ordem jurídica e técnico-atuarial" à SUSEPE que até outubro não tinham sido apresentadas à Superintendência, órgão fiscalizador do setor.

Enquanto isso, o advogado Ernesto Cros Valdez, entre outros, como Ramon Von Berg, Vanda Haustein, Flor Edison da Silva Filho, continua recebendo correspondência de todas as partes do país de interessados em entrar na justiça contra o MFM. Como a instituição fechou suas filiais fora do Rio Grande do Sul, viúvas, aposentados e associados ficaram sem ter a quem recorrer para a busca de informações.

O próprio Valdez é contribuinte do Montepio, e juntamente com outros associados entrou com uma ação declaratória onde exige a cobrança de uma prestação que assegure o pagamento da pensão no valor prometido. A tática do MFM, desde 1968 foi diminiur e defasar a prestação, alegando insuficiência, tendo que cobrar ainda um ajuste técnico, que, segundo a SUSEPE não foi autorizado.

Valdez é responsável por 43 ações em juízo no fórum de Porto Alegre e 11 ações já julgadas favoravelmente às viúvas que dependem de novo julgamento. Segundo o advogado, o MFM enquadra-se na lei 1561 do Código Penal, que pune crimes e contravenções contra a economia popular.

Clotilde Barcellos.

Fotos: Luiz E. Achutti

Valdez já ganhou 11 ações

Branca de Paula: "Nem toda a família militar apóia esta vigarice"

A Trajetória do MFM

1964 — O MFM cria uma categoria de associados (sócios-pioneiros) com direitos a planos de pensões equivalentes ao soldo ou parte do soldo de coronel reajustada tais quais os vencimentos de militares, mediante o pagamento de contribuições (percentuais deste soldo).

1966 — O MFM anuncia aos associados a compra de 59 empresas brasileiras, do Banco da Província, Banco Nacional de Comércio, Indústria e Comércio do Sul, conglomerado que compõe, hoje, o "coisa nossa", o Banco Sulbrasileiro.

De 1966 a 1973 — O MFM paga pensões equivalentes a soldo ou parte de soldo de coronel a pensionistas mas já se apresenta uma defasagem no cálculo das pensões e contribuições. A prestação que estava sendo cobrada correspondia ao percentual de valor do soldo de coronel de três ou quatro anos anteriores. À uma inflação galopante, a defasagem tornava-se cada vez mais grave.

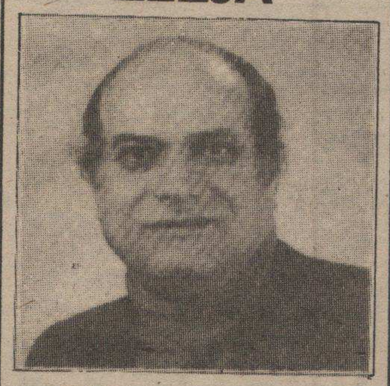
Fins de 1973 — A Assembléia de Representantes do MFM, composta por oficiais do exército e uma quinta parte de civis, reúne-se e acha por bem modificar os estattutos onde estava determinado que os reajustes das prestações seriam calculados com base em soldos de coronel. A Assembléia acabou por vincular o mesmo reajuste aos índices das ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). A Assembléia de Representantes não tem atribuições legais segundo os estatutos para modificar cláusulas referentes aos direitos dos associados. O único orgão a quem é delegado este direito é à Assembléia Geral, quando participa a maioria dos associados. Segundo Valdez, os reajustes de prestações não obedeceram posteriormente nem aos índices das ORTN, tendo sido tornados arbitrários e aleatórios a qualquer regra legal.

1980 — O MFM fechou as filiais no Brasil deixando pensionistas, aposentados e associados desvinculados com a instituição a não ser o contato com o Banco Sulbrasileiro onde são efetuados os pagamentos de contribuições e "pensões."

1982 — O ministro Ernane Galvêas autoriza o funcionamento do MFM como entidade privada de Previdência privada e pede, para emissão da carta-patente da referida entidade, o cumprimento de exigências jurídica e técnico-atuarial à SUSEPE. Segundo a SUSEPE, quatro meses após a publicação da portaria não havia recebido a tal comunicação.

PDS

REALIZAR
SEM PROMETER
ELEJA



BÁN Nº 1610
VEREADOR

PDT
VEREADOR
WILTON
ARAÚJO
GOVERNADOR
COLLARES

J. Samuel informa:

A personalidade do lugar

A delegação do PDS, com candidato a governador, a senador, deputados e correligionários chegava ao pequeno município X. O prefeito, um homem simplório mas famoso por "nunca se apertar" diante das situações, saindo de todas sempre com muita presença de espírito, começou a apresentar as "personalidades" que recepcionavam os ilustres visitantes. "Aqui, doutor Jair, lhe apresento o nosso presidente da Câmara, ali o compadre Fagundes, que é vereador. Aquele, é o doutor João, advogado; ali, o seu Mané, açougueiro muito conceituado..."

Até que chegou no Olavo, e não havia título que o definisse. O prefeito gaguejou: "Aqui, o Olavo... ele é..." Mas logo tirou de letra: "O Olavo, doutor Jair, é assinante do Correio do Povo."

Daudt Rides Again

A pressão interna foi tanta que a TV Educativa decidiu aproveitar devidamente um dos melhores profissionais que têm em seu quadro: José Antonio Daudt, há muito tempo sem um programa fixo. Vai ao ar logo depois das eleições, em cima da novela das oito da Globo, um programa diário de entrevistas e reportagens dirigido pelo Daudt. O "Programa do Daudt", como já está sendo conhecido em sua fase de preparação, corre risco no entanto de ser chamado "Cidade em Pauta".

O Prefeito do PMDB

Quem será o prefeito de Porto Alegre se Pedro Simon ganhar? As especulações mais fortes sempre foram em direção a Ibsen Pinheiro e José Fogaça, que, efetivamente, estão disputando a indicação. Entretanto, surgiu um tertius, que poderá ser a solução para Simon não ficar mal com um dos dois candidatos principais, quando tiver que escolher o outro. Este terceiro, que atropela vistosamente por fora, é o empresário Eduardo Viana Pinto, que tem sido o grande responsável pela virada da candidatura Simon. Ele é o principal assessor do senador e o homem forte da campanha. Entre duas principais demonstrações de força está a convenção realizada no Gigantinho que ele transformou em sucesso, derrotando o ceticismo dentro do próprio partido.

Ameaça ao monopólio

A novela das oito da Globo está sendo atacada por todos os lados. Além da ameaça que sofrerá a partir de 15 de novembro, com José Antonio Daudt, duas pesquisas de audiência, em outubro, já apontaram, em Porto Alegre, índices preocupantes para a Rede Globo. Na primeira semana do mês, as incertezas mal resolvidas dos amores de Luana Camará, fatigaram de forma evidente o telespectador: o quadro de Rogério Mendelski, na Guaíba, chegou a bater dois pontos a audiência da insólita "Sétimo Sentido", obtendo 27 contra 25, enquanto Flavio Cavalcanti ficava em terceiro, em cima, com 23 pontos. Estamos diante de graves ameaças ao monopólio televisivo.

Os "tops" do PT

O único partido em que há um consenso dos palpites em relação aos possíveis mais votados é o PT. Segundo a unanimidade das pitonisas eleitorais, Clovis Ingelfritz será o fita azul para deputado federal. Para estadual, ao que tudo indica, o favoritismo é de Selvino Heck, com um consistente esquema de trabalho eleitoral junto à Igreja. Para vereador, Antonio Candido, o "Bagé", que conseguiu se firmar em algumas vilas, parece uma reeleição garantida.

Poupança no Frizer

Madame S., que transita com imensa e encantadora desenvoltura na área oficial, confidencia a este colunista que cada vez se fala mais, entre médios e altos escalões, na possibilidade de um congelamento geral das cadernetas de poupança depois de 15 de novembro. Depois quando? Logo depois, ou muito depois? Ela sorri, deixa aparecerem uns enormes dentes branquíssimos e murmura: "Digamos assim: meio depois."

Cuidem-se.

DECADÊNCIA DO CAPITALISMO

Em recente vernissage, jovens militantes da ala vermelha do PC do B cobravam de um conhecido empresário da praça sua vida de extravagâncias, afirmando-lhe que precisa mudar enquanto é tempo, pois o capitalismo é um regime em decadência. Resposta do empresário: "É isto aí, eu não quero perder um minuto da decadência".

FLAGRANTES DA VIDA REAL

O príncipe dos colunistas gaúchos, Pedro Raimundo Gasparotto, que costuma destinar aos seus adversários e concorrentes a punição de seu elegante silêncio, registrou com amável simpatia uma nota desta coluna. Minha nota comentava uma foto, verdadeiro flagrante da vida real, em que ele, Gasparotto, era o personagem.

Gasparotto

Momento de descontração

● MUITO divertido, além de inteligente, o uso da foto feita por Luiz Eduardo Achutti, que ao soltar o flash revelou ser profissional atento, de um momento de descontração minha junto com Alan Mercury Hare e Isabel Rocha em recente fim de semana na Serra. J. Samuel, que assina a página do Coojornal, usou bem a foto e inclusive dei boas risadas.

A Festa do Mês

A festa do mês foi indiscutivelmente o jantar com lugares marcados, longos e black-tie, promovido por aquele ilustre, e, digamos assim, pouco convencional advogado desta praça (há quem o chame de "pouco escrupuloso", mas este colunista bem sabe que a vida não é uma quermesse, nem o mundo chega a ser exatamente um convento). A festa teve origem numa consulta. Dito causídico recebeu em seu escritório um aflito bancário que confessou: "Me passei na caixa. Arrumei uma namorada nova e muito cara (NR: Sempre a culpa das mulheres!) e fiquei jogando com a caixa dois dias. Estou passado em quase um milhão. Quero que o senhor me defenda. O desfalque estoura amanhã". O advogado — Dr. Y — ficou impassível: "Podes segurar a tua prestação de contas mais um dia?" O bancário não compreendia. Começou a compreender quando o "doutor" pediu: "Amanhã, vê se toma conta de duas caixas e vem aqui com cinco milhões". — "Cinco milhões?!" Mas, quem faz um cesto, faz um cento, deve ter pensado o surpreso cliente. No outro dia, apareceu com a grana tirada das duas caixas que ele controlara durante o expediente. No escritório, já o esperavam passagem aérea para o Paraguai e uma suite reservada num elegante hotel de cinco estrelas de Assuncion. O bancário sumiu, explodiu o desfalque no banco (uma de nossas mais conceituadas redes bancárias). Dois dias depois, o banco em grande alvoroço, Polícia, buscas ao caixa estelionatário, nosso ilustre advogado telefonou para o banco:

"Se vocês derem um recibo de cinco milhões ao meu cliente, e duas cartas (uma recomendando-o como empregado exemplar e outra pedindo desculpas pelo mal-entendido ele devolve 2,5 milhões". O diretor do banco bateu o telefone, indignado. Mas a diretoria, "sem emocionalismos", se reuniu e achou melhor tirar pelo menos uma parte do prejuízo. Assim, deram o recibo, as duas cartas, e o nosso ilustre bancário ainda conseguiu um belo posto de chefe de cadastro em outro banco. E os 2,5 milhões de desfalque? perguntará a leitora mais arguta que teve paciência para chegar até aqui. Ora, racharam meio a meio, o bancário e o advogado, 1,25 milhão para cada um! E a festa do mês? perguntará de novo nossa percuciente assinante. Ora, foi para comemorar o golpe. Oficialmente, era para festejar "uma importante transação" realizada pelo advogado. "Parece que foi um contrato de importação, dos graúdos" me confidenciou durante o jantar um jornalista local, famoso por estar sempre de dentro das coisas.

A FESTA DO MÊS (II)

Alguns achavam que seria a comemoração de "um misterioso negócio de imóveis com os árabes no meio". Outros falavam num rumoroso divórcio em que o nosso advogado conseguira uma partida vantajosa para seu lado. Até que alguém lançou a pergunta crucial: "Mas, afinal, por que tanto mistério em torno de uns honorários?" O Saraiva, o bom Saraiva, passou os dedos pela sua basta cabeleira branca, fez um ar enigmático e com aquela serenidade dos homens que já viram quase tudo, disse ao grupo: "Uma das grandes qualidades de um advogado é a discrição. O nosso querido Y tem aí uma de suas virtudes. Ele nunca fala de suas causas. Por isso que tanta gente confia nele". Piscou-me o olho de forma quase imperceptível e repetiu com o olhar no infinito, gravemente: "Por isso que tanta gente confia nele...".

A FESTA DO MÊS (III)

Digo sempre como Winston Churchill: eu não sou exigente, me contento com o que há de melhor. E na festa do advogado Y, havia realmente o que há do melhor. Se suas escolhas profissionais e morais podem ser discutidas, seu bom gosto e sua competência não merecem qualquer reparo. Eu não diria como o rude representante do Governador que se fez presente: "Não sei o que estava melhor: os camarões, o champanha ou as mulheres", bradava o referido porta-voz do Piratini, Sr. M. Mas acho que realmente eram mulheres belas e distintas (exceto, quem sabe, a extravagante Mme. L, que, depois do terceiro cálice, tentou dançar uma rumba sobre a mesa, no que foi prudentemente desaconselhada pelo seu diligente marido). As garrafas servidas eram o que de melhor tenho visto por essas pobres mesas de nossa cidade. A comida tinha a irretocável rubrica do injustamente pouco conhecido chef Tisserand. Tudo saiu comme il faudrait. Se não fosse pela austera formação moral que recebi numa inflexível família de protestantes, eu teria a tentação de dizer que o nosso bom Dr. Y mereceu os "honorários".

Gossips

● O livro de Josué Guimarães "O gato no escuro" é uma agradável surpresa. Embora não seja um texto "de peso" no contexto da obra do grande romancista gaúcho, é uma pequena peça bem executada, que mostra através de contos leves, a grande qualidade de contador de histórias do escritor.

● O melhor filé de Porto Alegre é o do Romeu. Onde é o Romeu? Perdoe, minha cara amiga, mas não sou pago para dar dicas de restaurantes. E seu dissesse onde é, a senhora, o seu esposo e milhares de outros casais ávidos de novidades, invadiriam aquele templo sagrado e pouco conhecido da boa comida. Depois de uma má fase, o restaurante citado (ou não-citado) tem agora nova cozinheira, um serviço excepcional e imponentes fitas de música mediterrânea: as melhores faixas de Tenco, Aznavour, Brel, Bécaud, sabiamente mesciadas com alguns momentos mais felizes de Burt Bacharat, vão deslizando enquanto você enterra sua faca em carnes tenras e sangrentas. Tão tenras e tão sangrentas são as carnes, que outro dia tive um sobressalto: estarei comendo um bife ou praticando um homicídio doloso?

● O que todos já sabem não é secredo. O filé Pedro Simon do "Doce Vida" é excelente, dizem todos. Sua qualidade é tão boa quanto será a performance eleitoral do seu patrono, dizem os peemedebistas.

● O livro "Salvar Carajás", de Odacir Klein e mais uma equipe, é um impressionante documento sobre a evasão de nossas riquezas minerais. Lançamento da L&PM para a Feira do Livro.

● O "Macieira" à venda nos supermercados é uma contrafação perigosa que nada tem a ver com o digno e brilhante Macieira (este sim, sem aspas) que aquecia nossas noites lisboetas, e que era, até bem pouco tempo, encontrável em algumas honradas prateleiras de nossa cidade. Até isso nos tiraram. Triste País.

ASTOR PIAZZOLA, DEPOIS DAS MALVINAS:

— Agora temos certeza que somos latino-americanos

Piazzola rompe o silêncio: "Os militares se prepararam a vida inteira para uma guerra e nem isso eles conseguiram fazer"

"Sou muito pessimista quanto ao futuro do meu país"

Um pouco cansado e reclamando que o clima de Porto Alegre tinha contribuído muito com sua gripe, Astor Piazzola falou, na sua suíte do Hotel Embaixador, para o CooJornal, a respeito da situação política atual na Argentina, as conseqüências da guerra das Malvinas e sobre a esperança que possui de que agora as coisas melhorem.

Astor Piazzola nasceu em Mar Del Plata e começou a estudar música em Nova Iorque aos nove anos de idade, quando seu pai lhe deu um bandoneon de presente: "Meu pai comprou o bandoneon num brique, e eu, a princípio, pensei que era um brinquedo, mas me interessei pelo instrumento que, para ele, era uma espécie de bandeira de Buenos Aires. Assim, busquei alguém que me ensinasse a tocá-lo, o que era praticamente impossível naquela época em Nova Iorque. E tive que iniciar por minha conta". Aos doze anos recebeu o batismo musical quando, junto a Carlos Gardel, tocou o seu primeiro tango.

Após muitos anos de estudo; Piazzola começou a mudar o tango, o que lhe valeu muitas críticas dos seus conterrâneos, que o acusavam de desvirtuar a música argentina. "O tango, para mim, era demasiado solene, dramático e chato. As pessoas pensavam que era rígido e não poderia ser mudado e, quando mudou, ficaram chocadas", afirmou, salientando que a música feita por ele atualmente, representa seu País no exterior, "as pessoas ouvem em qualquer parte do mundo e se lembram de Buenos Aires, isto é muito gratificante".

MILITARES "A única coisa positiva que a guerra das Malvinas deixou ao povo argentino foi terlhe tirado a prepotência e a arrogância que possuía. Antes da guerra nós sempre pensávamos que éramos a "Europa" da América Latina, tínhamos a arrogância de um francês ou de um inglês. Agora, nós temos certeza que somos latino-americanos e passamos a agir e a nos comportar como tal", afirmou Piazzola ao comentar as trágicas conseqüências que uma guerra provocada por três ou quatro pessoas, para aliviar tensões internas, deixou num País que em momento algum esteve em condições de enfrentar de igual para igual a poderosa Força Tarefa Britânica.

Atualmente o povo argentino tem um novo marco na sua hierarquia, equivalente ao da civilização cristã: antes e depois da guerra. Isto faz com que todas as pessoas pelas ruas falem nostalgicamente a respeito de épocas anteriores e demonstrem pouca, ou nenhuma esperança de que alguma coisa possa melhorar: Sou muito pessimista quanto ao futuro de meu País, não acredito em nenhuma melhora. A única esperança que possuo é na juventude argentina. Eles é que estão tomando consciência e estão unidos", disse Piazzola.

Os militares que estão no poder na Argentina desde 1976 conseguiram com esta derrota conquistar definitivamente a antipatia e o desprezo da população civil, que agora pede eleições e já conseguiu uma razoável abertura num país onde até alguns anos atrás não se podia fazer nenhum tipo de comentário sobre política, cultura, economia, etc... Segundo Piazzola, um dos fatores que mais revolta provocou na população foi o de desconhecerem, completamente, durante a guerra, o que estava acontecendo naquela região do País, até serem supreendidos com a notícia da derrota. "Os militares se preparam a vida inteira para uma guerra e nem sequer isto conseguem fazer. Não rpretendi em momento algum que um militar desse apoio e incentivo à cultura. Militar não gosta de cultura, nunca vi ou conheço poucos que sejam poetas ou músicos, a não ser quando fazem músicas marciais", e esclareceu:"Eu não tenho nada contra os militares, só que para mim eles não devem governar, devem ficar no quartel. Ainda bem que me parce que agora na Argentina eles tomaram conhecimento disto.

A esperança de Astor Piazzola e de toda a população argentina está depositada numa provável eleição que devolva o poder aos civis. A reconstrução de um País cuja economia está praticamente arrasada não vai ser uma tarefa muito fácil para nenhum Governo: "Não importa se vai ser um bom ou mau Governo, mas tem que ser um Governo civil. Depois, todos veremos o que podemos fazer, pois todos queremos que a Argentina seja um grande País."

SURDOS

Desde 1976 que o povo argentino não vivia uma época tão livre em matéria de censura e política partidária. Durante os últimos seis anos, uns mais, outros menos, sofreram as pressoões dos censores que destruíram qualquer manifestação cultural no País. Piazzola afirma ser um dos que menos sofreu: "Provavelmente, os poetas, escritores e jornalistas passaram muito pior do que eu', e atribue isto a uma coisa muito simples: Os censores são surdos, então nunca conseguiram entender que através da minha música sou tão agressivo, violento e romântico, como um verso consegue ser". Acrescenta que, graças a esta surdez dos censores, nunca precisou preocupar-se muito com estas arbitrariedades: "A proibição na Argentina é velha. Foi inventada por Perón. Quando um Governo não tem nada melhor para fazer por seu povo, proíbe". Apesar da crescente liberdade de opinião no seu País, Piazzola não esconde o receio de sofrer represálias por estas declarações, esclarecendo que estas observações não são resultado de uma posição marxista ou nada semelhante e, sim, apenas uma constatação do problema argentino que, para ele, está muito além de qualquer ideologia política: "O que eu desejo para meu País é que não exista mais violência, que o povo viva em paz, tenha trabalho, e que seja respeitada a integridade do ser humano. Sem medos, sem todas aquelas coisas pelas quais passamos inutilmente. A Argentina é minha mãe, com todos os defeitos que possa ter. Devemos lutar para que deixe de têlos e estarmos unidos".

Ressaltando a responsabilidae, que todos os argentinos têm com seu País, Astor Piazzola, concluiu:

— Se Ernesto Sábato fala, se Jorge Luís Borges fala, por que eu não vou falar? Continuando calado me sinto um covarde. Como cidadão argentino tenho todo o direito de dar minha opinião sobre o meu País, mesmo que não sirva para muito. Serve ao menos para que minha mulher, meus filhos, meus amigos e todas as pessoas que me conhecem possam sentir-se orgulhosos de mim. Como diz o tango, lo demás es puro cuento".

Mais um espaço para os músicos universitários

Depois de 14 anos, o Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura volta a promover seu Festival Universitário de Música Popular Brasileira. Ele está marcado para junho de 83. As duas primeiras edições do Festival realizadas em 68 e 69, contaram com a presença de nomes importantes, como Beth Carvalho, Paulinho Tapajós, Danilo Caymmi, Geraldo Flach, Carlinhos Hartlieb, Luiz Eça, Antonio Adolfo, Zé Rodrix, Nana Caymmi e Rogério Duprat, e refletiram a efervescência cultural e política do fim da década de 60. Tanto que na abertura do 1º Festival, a platéia, composta principalmente de estudantes, cantou a Marselhesa e a Internacional Comunista. Jogo de Viola, de João A.P.Soares, e Por Favor, Sucesso, de Carlinhos Hartlieb, ambos gaúchos, foram as vencedoras dos dois primeiros festivais.

Com o vazio cultural da primeira metade dos anos 70, o Festival Universitário desapareceu. Segundo a jornalista Clarice Aquistapace, integrante da Comissão Coordenadora, "a idéia surgiu da discussão sobre o momento cultural e do surgimento de um forte movimento de reativação cultural que necessita de espaços para se manifestar". Ela chama a atenção para o fato de que o 3c Festival Universitário conta com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e que é organizado por uma comissão composta de estudantes, professores e funcionários da Universidade.

As inscrições para o 3º Festival Universitário da Música Popular Brasileira já estão abertas na Rádio da Universidade. Os compositores necessariamente devem ser universitários. Os cantores, músicos e arranjadores, não. O Festival coloca à a disposição dos participantes passagens e estadas e os prêmios são de Cr$ 600 mil para o primeiro colocado, Cr$ 400 mil para o segundo, Cr$ 300 mil ao tesoureiro e Cr$ 200 mil ao preferido do júri.

3.º FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

16, 17, 18, 19 DE JUNHO DE 1983
SALÃO DE ATOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSCRIÇÕES:
2 de outubro a 15 de abril
Rádio da UFRGS - Sarmento Leite, 426 - Porto Alegre, RS -90.000

ORGANIZAÇÃO:
DAFA-PROREXT/UFRGS

casa nostra

Música ao vivo com Cigano Show
Diáriamente das 21:30 às 02:00 horas
Ar condicionado perfeito

Rua Barão do Triunfo, 49 — Fone: 33-6718 — P. Alegre
(esquina Getúlio Vargas)
Aberto diariamente das 18:00 às 03:00 horas

MAURO GERALDO GALVÃO

20 anos, jogador e capitão do SC Internacional

• Não me importo com quem ganhe as eleições, mas espero que os candidatos eleitos façam tudo para o bem do povo e não para o seu próprio bem. Vou votar no Valdomiro pois é um companheiro nosso que merece todo o apoio e tem toda a minha confiança. Ainda não me preocupei com os outros candidatos, preciso primeiro dar uma boa estudada. Acho que esta eleição é o começo de uma democracia livre e certa como deve ser. Espero que o povo saiba compreender esta situação e não brinque com coisa séria, anulando ou deixando em branco seus votos.

Armênio Abascal

GILBERTO AMARO DO NASCIMENTO (GIBAGIBA)

43 anos, músico, compositor e pesquisador

Fotos Luiz Eduardo Achutti

• Sou uma pessoa pública que deseja a união e o bem estar de todos. Tenho uma gratidão enorme pelo pessoal de Porto Alegre que foi solidário comigo fazendo uma demonstração de carinho que culminou com um espetáculo no Auditório Araújo Viana. Quanto à minha posição política, estou eufórico e quero dizer que simpatizo muito com o PT porque é um partido novo que começou de baixo e está crescendo. Como nós temos opção, esta é a minha preferência, não desfazendo de nenhum dos outros partidos. Isto é uma demonstração de democracia. Não quero dizer que eu seja radical, pois ainda pode ocorrer uma possível mudança de posição, e isto pode acontecer a qualquer momento. Não sou uma pessoa fechada, quero apenas aquilo que trará felicidade para todos.

LUCIANO ALABARSE

30 anos, diretor de teatro

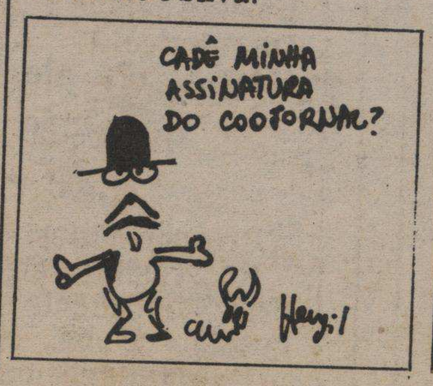
Luiz E. Achutti

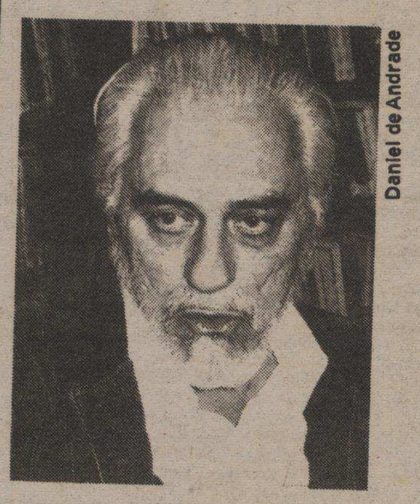
Meu partido é o PT e é em quem vou votar. Tenho uma simpatia muito grande por este partido mas não sou filiado a ele. Já escolhi como candidato o Antonio Hohfeldt pois ele é meu amigo e eu acredito nele. Tem horas que eu acredito mais no PMDB. Sou uma pessoa muito indecisa e a minha verdade é fruto deste "bombardeio" todo que estamos vivendo. Sou mais um entre tantos que têm dúvidas. Não tenho pudor de ser simpatizante do PT e participar e colaborar com os outros partidos. A vinculação do voto é para mim, e acredito que para todos, uma situação difícil pois conheço muita gente boa que faz parte de outros partidos.

RENATO PEREIRA

39 anos, humorista
e autor teatral

Eu já me decidi. Vou votar no candidato possível e como possível entenda-se Jair Soares. Tomei esta decisão depois de uma longa aferição no interior do estado. Vi e assisti trabalhos de Jair Soares na área da Saúde Pública que me marcaram. Quanto aos demais candidatos, vou ter que escolher dentro do PDS, devido ao voto vinculado. Sou um homem ideologicamente de oposição, mas nada que a oposição faz me dá qualquer certeza. Como explicar meu voto? Isso é como Golbery do Couto e Silva.





Daniel de Andrade

JOSUÉ GUIMARÃES

61 anos,
jornalista e escritor

A vinculação do voto me deixou numa situação muito difícil porque tenho amigos em todos os partidos. Mas vou votar no Pinheiro Machado Netto, na certeza que sua voz e seu espírito de luta, estarão, na Câmara Federal, ao lado das causas da nossa gente tão sofrida e tão humilhada ao longo de tdos esses anos.

Ideologia das novelas

Prezado Editor:

Ao fim de mais uma novela da infalível Janete Clair, penso que caberia uma análise séria da intelectualidade brasileira sobre a influência deste tipo de programação na dominação ideológica do sistema sobre o povo. Falo de **Sétimo Sentido** que assisti, juntamente com quase 30 milhões de brasileiros, por absoluta falta de outras opções. Não quero nem falar sobre o tema tratado — parapsicologia —, uma nova empulhação da TV, ao melhor estilo do **Fantástico**. Falo do final, em que a revolucionária Luana Camará transformou-se em próspera empresária do capitalismo civilizado. E o jornalista Danilo, antes um contestador, vende-se ao sistema para conquistar sua amada, a bela e fútil Sandra. Quer dizer, na TV dinheiro compra a felicidade!

Dóris Meira, Florianópolis, SC

Cartilha política

Prezado editor:

Acho que o **Coojornal** está muito bom. Na última edição, gostei da matéria sobre o manual dos candidatos do PDS. É incrível que um partido político trate as eleições de forma tão mesquinha e oportunista. **Jô Siqueira, Porto Alegre**, RS.

das e se deu mal. Acreditou que zelando pela manutenção dos regimes reacionários de todo o Oriente Médio, ganharia a confiança e o reconhecimento dos Estados Unidos e seus aliados ocidentais. Assim, perdeu a oportunidade de criar uma verdadeira frente panarábica contra o estado sionista que não fosse antijudaica. Tristes enganos.

E agora vemos feudalistas islâmicos em levante, tomando o Poder e ameaçando não apenas ao sionismo como aos próprios judeus. Ou seja, a libertação de Jerusalém não será um processo pacífico a transformar-se em convivência fraterna entre os povos da região, como sonhou a OLP. Será uma guerra santa, como é a justificativa dos sionistas para o genocídio que tentam perpetrar contra o povo palestino.

Considerando que existem 2 milhões de judeus e mais de 100 milhões de árabes, é possível imaginar quantos artefatos atômicos serão utilizados pelos sionistas. A reação em cadeia que pode advir desta situação não é previsível. De qualquer forma é bom comerçarmos a tratar da questão árabe com maior respeito e mais atenção, pois muito mais do que preços do petróleo ou material para reportagens sensacionalistas sobre fanatismo e terrorismo, o próprio futuro de nossas vidas está em jogo.

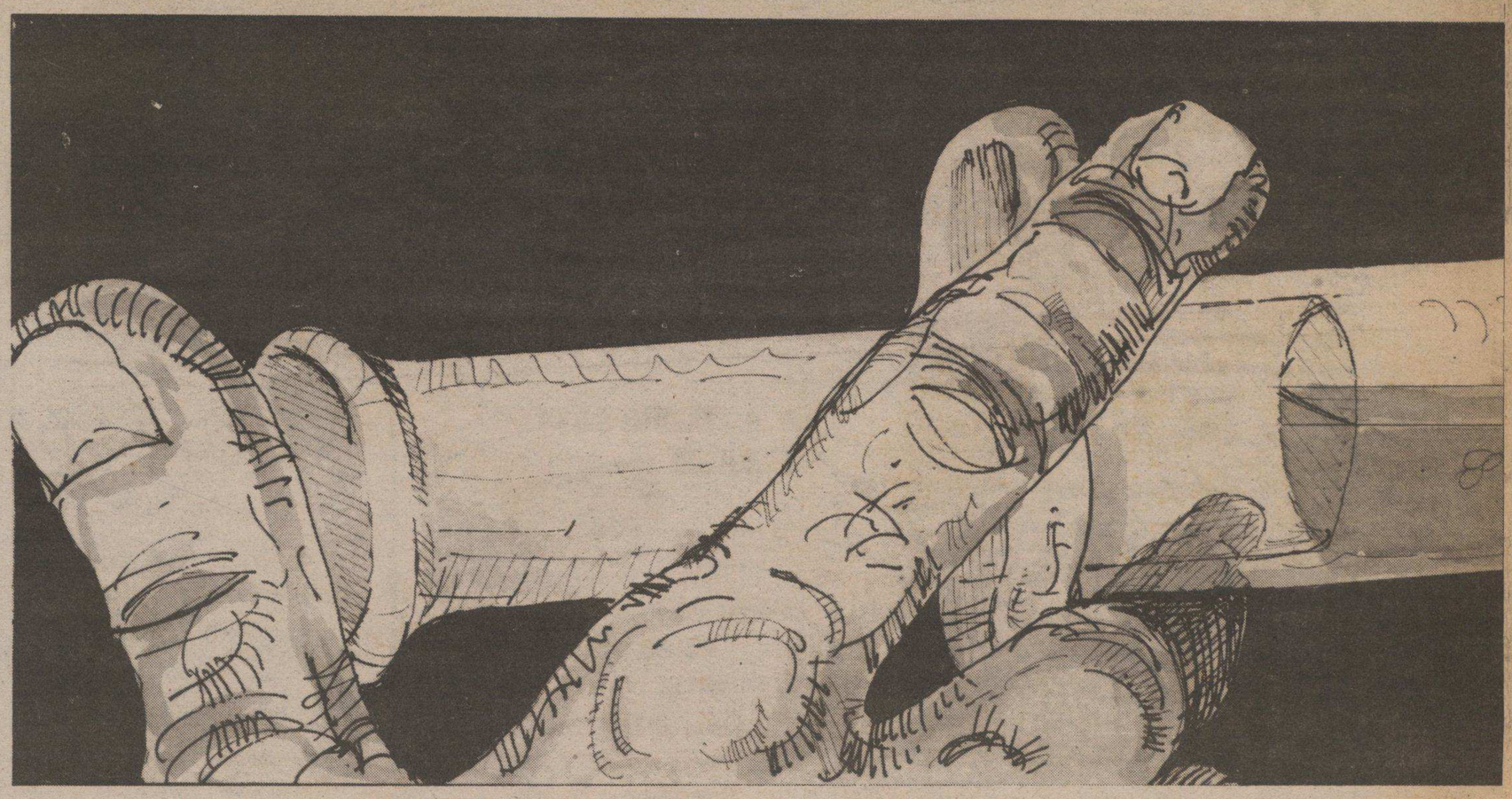
SE O PROBLEMA FOR SAÚDE, SIGA O EXEMPLO DOS MÉDICOS

Eles têm preferido o Sistema UNIMED para o seu atendimento e o de seus familiares. Faça como os médicos: confie a assistência de sua família e de sua empresa à UNIMED.

— Ausência de intermediários
— Menor custo
— Padrão Sistema UNIMED de Saúde

UNIMED

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 142
Fone: 31-1677



De mãe para filha

Dores nas costas, umidade, poluição, injeções para abortar, cuidar da família nas horas de folga. Nesta ficção, a jornalista e escritora Tânia Jamardo Faillace retrata a vida das operárias do Vestuário. Qualquer semelhança com fatos reais não é mera coincidên cia; é a realidade brasileira.

Tânia Jamardo Faillace

A avó tinha trabalhado na fiação. A mãe, na tecelagem. Joseli, agora, na confeção. De mãe para filha. Uma tradição. Realmente, uma tradição, como dizem nos anúncios das firmas antigas.

Joseli, aliás, tinha começado na tecelagem. Desde pequena, se acostumara com o cheiro do fio, das tintas, e até mesmo com a umidade das oficinas. Aquela umidade mal cheirosa, que fazia as tecelãs começarem a tossir desde cedo.

Para Joseli menina, no entanto, entrar na oficina era entrar no mundo dos grandes, onde as coisas eram importantes, muito mais importantes do que as coisas que aconteciam em casa. Chegava na fábrica com a marmita da mãe — recém esquentada, pois morava perto — e era recebida pelo abraço suarento de Aparecida.

— Que filha carinhosa — diziam as outras, no intervalo do almoço, festejando Joseli.

Bem diferente da hora da janta, em casa, com o pai mal-humorada, reclamando do patrão, das costas, da comida em atraso — e a mãe revoltada pelo serviço acumulado, que Joseli, a filha mais velha, não conseguia trazer em dia.

Até aquela vez em que Aparecida abortou.

— Como foi mesmo, Zé?

O marido sacode o jornal, impaciente:

— Como é que eu vou saber? A mãe era tua, não minha.

Pois é, Aparecida abortou. Não que um filho a mais ou a menos fizesse diferença — já tinha cinco — mas é que passou mal mesmo.

Joseli, já mocinha, cuidando dos irmãos, da casa, do pai, da mãe acamada, naquela aflição.

— A mãe passou mal mesmo.

A mãe passou mal. Aquele febrão, os delírios, os gritos... Aparecida querendo por força sair da cama, vendo assombrações espantosas. E cinco filhos antes, tão bem criadinhos... O médico não explicava direito: talvez fosse das tintas, quem sabe. Algumas tintas são venenosas — Joseli já sabia naquele tempo — e entram pela pele, pelo nariz, vão até o sangue, entram na... na... como é o nome?

— Sei lá — resmunga Zé, concentrado nas notícias sobre suborno no campeonato de futebol. — Viu só? Quarenta milhas por cabeça. Puta merda!

— Não diz palavrão! — protesta Joseli.

Ah, já lembrava: a placenta. Os venenos entram na placenta. E o nenê tinha morrido. E Aparecida quase embarcou também. Pela hemorragia? Pelo veneno? Quem pode saber? Só Deus.

Apesar de tudo, Joseli — chegada a idade — quis ir para a tecelagem. Circulava pela fábrica onde tinham andado sua avó e sua mãe, com um estranho sentimento de orgulho. Era uma indústria grande, boa, onde os funcionários ficavam muitos anos — claro, antes do FGTS. Todas aquelas paredes, as manchas do piso cimentado, as fotografias no saguão, das máquinas da geração anterior e das velhas amostras de pano, tinham um pouco da vida de sua mãe e avó. Era com elas que Joseli se sentia mais ligada, mais que com o pai, embora tivesse usado o nome dele, e agora, o nome de Zé. É engraçado, por que é que mulher tem que perder o nome, tem que esquecer quem foram as outras mulheres de sua família? Só homem é que conta, só homem.

Pois é. E depois foi o caso daquela aprendiz. Como era o nome dela? Roseleine? É. Roseleine tinha perdido a mão na lançadeira. Joseli nunca tinha visto nem imaginado tanto sangue, apesar das histórias antigas contadas por sua avó. Ainda hoje via a mão de Roseleine, com um anelzinho de ouro, caída no cimento. E um instantinho, um instatinho só, antes, estava viva, carregava a lançadeira.

Nem gostava de lembrar. Roseleine era menor, não podia trabalhar nas máquinas. Joseli tampouco. Joseli voltou para casa, chorou, chorou, e disse que não voltava mais para a fábrica. Pensou se não seria um sinal.

Porém precisava trabalhar. Foi doméstica durante três meses e não agüentou. Parecia-lhe ter baixado de padrão, ter descido no meio de sua gente. Por fim, aquela sorte: a fábrica de confecções. Joseli não sabia fazer uma costura reta e entrou como passadeira. Era caprichosa e gostavam dela. No entre-horas, dona Gertrudes lhe ensinava como enfiar a linha, guiar o tecido. A chefe de seção não se importava: lembrava-se de seus tempos.

Um belo dia, Joseli se viu promovida a costureira auxiliar. Seu sonho é chegar a cortadeira, talvez modelista. Com o tempo, quem sabe.

Suspira.

— Vamos dormir, Zé?

Zé estranha:

— Tão cedo? Hoje é sábado. Tem novela. Não vais ver?

— Tô cansada — confessa Joseli.

— Também, foi logo trabalhar no primeiro turno. Tem que levantar quase de noite todo o dia.

— É, Zé. Mas assim eu tenho tempo pra fazer o serviço de casa, não é?

— Quem te ouve, pensa que eu te faço trabalhar como escrava. Tu sabes que, por mim...

— Sei, sei. Por ti, eu só ficava em casa, limpando e cozinhando. E ia dar, Zé? A gente tinha que morar em maloca, tu sabes. Aqui, a gente tem só três peças, mas é limpinho, tem água, luz...

— Tás dizendo que eu sou incapaz?

— Ah, Zé. Chega de bronca. Não tô dizendo nada. Ontem estavam umas companheiras falando... todo o mundo tá ganhando menos do que dez anos atrás. Tá provado. Saiu até no jornal.

— Não vi.

— Claro, tu só lê futebol.

— E depois diz que eu quero bronca... — Zé puxa-a pela cintura e belisca-a com força na coxa. Joseli grita, em indignação fingida. Zé esconde o rosto em seu peito. De repente, reage:

— Levei um pontapé.

Joseli ri:

— Claro, ele já tá se mexendo — e suspira de novo: — Acho que é por isso que eu tô sempre cansada.

— E o serviço médico, lá da firma?

— Ah, eles costumam dar pra gente uns compromidos de vitaminas. Quando a gente tá muito ruim — o outro dia, a Gessi até desmaiou — aí, dão uma injeção. Eu já tomei uma porção, desde que eu ando assim.

— E melhora?

— Melhora, sim. Mas na hora, depois parece que dá mais cansaço ainda.

Zé franze a testa:

— Vai ver que é bolinha.

— Ah, Zé então uma firma séria vai dar bolinha pros funcionários? Tem paciência. O que eu acho é que eles não estão muito interessados, isso sim. E não querem que a gente perca serviço. Tinha era que fazer um exame direito. E eu já sei o que é que é.

— O quê?

— A gente come muito ligeiro. Dá esse cansaço, esse peso. Mas também se a gente não dá produção, tu sabes, não é? Ou descontam, ou tem que fazer serão.

— Miseráveis — comenta Zé, agora acariciando as pernas de sua mulher.

— Pára, Zé, tás me fazendo cócega — Tu sabes, a gente se queixa, mas tem gente pior. Me contaram, um dia desses, que tem firma que já está tirando o intervalo do lanche. O mulherio fica seis horas sem comer e não pode nem levar uma bolachinha, que leva advertência.

Zé opina, entre sério e gozador, o jornal esquecido, enquanto vai se excitando no contato daquela Joseli tão gostosa, tão macia, como uma moça fina:

— O que tinha que fazer era todo o mundo levar cachorro quente com um bom molho de maionese e espremer, assim, ó, nas roupas: tshshsh... Eles

— Que loucura, Zé!

MAIS PILULAS E INJEÇÕES

Nas semanas seguintes, Joseli foi ao serviço médico mais uma porção de vezes, por insistência da supervisora. Sugere ao médico de plantão:

— Será que não é da posição na máquina? Diz que dá problema na coluna...

— Calma dona Joseli. Sua coluna é ótima. Primeiro filho é assim mesmo.

Será que é variz? Diz que dá variz de fazer força na máquina. E mais a gravidez...

— Que nada. A senhora precisa se alimentar melhor. Iogurte, queijo, presunto, bastante leite, carne, ovos...

Joseli dá boas risadas:

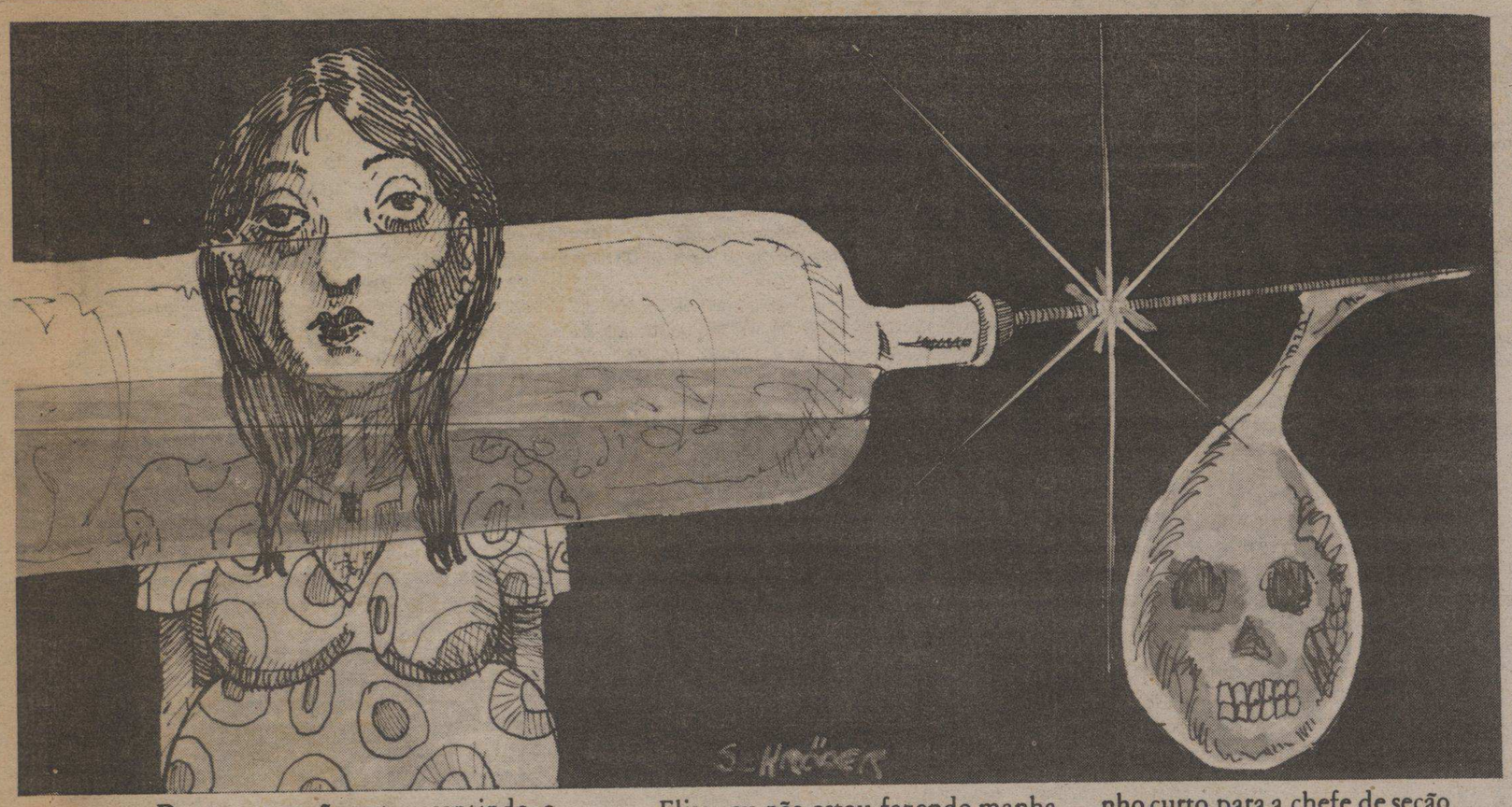
— Doutor, eu sou costureira, não sou a dona da fábrica.

O médico finge não ouvir.

— Chegue em casa, descanse bastante, ponha as pernas para cima...

— Doutor, e quem é que faz o serviço? Vou botar o coitado do Zé para lavar roupa, fazer comida? Ele trabalha mais horas que eu. E ainda dá uma mão no serviço pesado. Mas no dia-a-dia, doutor...

Alguns dias depois, Joseli volta ao serviço médico, desta vez por sua própria iniciativa.



— Doutor, eu não estou sentindo o guri se mexer.

O doutor sempre diz:

— Dona Joseli, é muito comum que a primeira gravidez deixe a mulher nervosa. A criança não se mexe todo o tempo, ela dorme também. Vou lhe dar um fortificante, e a senhora vai se sentir melhor.

Cochicham para Joseli na hora do almoço, no dia seguinte:

— Te agüenta, Joseli. Tão dizendo por aí tu tás fazendo tudo pra não trabalhar.

— Mas eu não estou me sentindo bem, mesmo. E parece que o tratamento só piora. Na hora, tudo bom. Em casa, eu fico um lixo. Começa a me dar umas tremedeiras, não consigo dormir de noite.

— É nervos, Joseli. Bota isso na cabeça. Periga tu não voltar depois da licença.

— A gente tem estabilidade, ora.

— Uns poucos meses. E depois? E depois? Tá feio aí fora.

— Elisa, eu não estou fazendo manha, Elisa. Tu sabes que eu não sou disso. Não sei, eu comecei a pensar em coisa ruim... não sei...

Outra costureira se aproxima:

— Às vezes, é só uns passes que resolvem. Eu posso falar com o meu Pai de Santo.

Joseli abana a cabeça. É católica — não muito fanática — mas é católica. Não aceita essa história de passe. Mas pega receitas de chás de ervas caseiras. Cidró com mel, erva doce, camomila. E laranjeira, não esquecer da laranjeira.

Na semana seguinte, volta de novo ao serviço médico:

— Doutor, eu estou com um corrimento esquisito, escuro, fedorento...

— Não é sangue?

— Não parece.

— Tem dor?

— Não é bem dor, é um dolorido, meio chatinho.

Mais uma injeção, alguns comprimidos num saquinho de papel, um bilhetinho curto para a chefe de seção.

— Fique em casa uns dois ou três dias. Depois me procure de novo.

Que coisa. Naquele fim de semana em casa Joseli dá para pensar em sua mãe, em sua avó, na velha fábrica de fiação e tecelagem. Aquela umidade permanente das paredes, os rios de cor das águas servidas que vinham dos tanques de tingimento... A poeira fina da seção de cardagem, uma névoa colorida permante. O vaivém dos teares... A contagem dos milheiros... mil carreiras tramadas, uma unidade de produção... As rivalidades meio gaiatas, meio sérias, entre as tecelãs... Aquelas que se aproveitavam dos quebrados nos milheiros das outras... O barulho... Aparecida parando sua máquina apenas quando atingia sua quota programada. E aí se virando para a filha. O cheiro do corpo da mãe. Parece que nunca havia bastante mão, mão suficiente naqueles anos de infância. E antes dela, era Aparecida quem levava a marmita para Olga, e para o pai, Ladislau. E depois dela?

Uma menina? um menino? Em breves momentos acha que seria melhor não ser nem um nem outra. Cortar a corrente, como alguém arremata e corta um fio.

E Roseleine? Que foi feito de Roseleine? Ficara maneta — deficiente física, eles diziam. Mas não conseguira nem indenização, nem aposentadoria. Os advogados ainda discutiam. A firma alegava que ela mexera na máquina por travessura, por Deus! Por travessura! Como se alguém fosse brincar com uma lançadeira, um tear, uma máquina de cortar.

O que mais via, porém, era a mão de Roseleine. Uma mão pequena, branca, rosada na palma. Um anelzinho de ouro, que ela ganhara da madrinha.

Se sua mãe ainda fosse viva... Zé é bom, as vizinhas, ótimas. Mas há certas coisas que exigem a presença de uma mãe, da avó, daquelas mulheres que sabiam.

Segunda-feira, Joseli tem febre alta. De suas partes escorre um líquido espesso e escuro, de um fedor insuportável. E sente dores, também. A dor chatinha, que foi engrossando, engrossando, até explodir numa algazarra de orquestra. A dor também é som. Onda de som e dor, encorpada e estridente, que cresce à perda de vista, de ouvido, de entendimento. Dor que não passa nem com bolsas quentes, nem com bolsas frias, nem com Melhoral, nem com todas as coisas que ocorrem a um Zé apavorado.

Chamam uma ambulância. Antes que ela chegue, Joseli já está aos gritos. Só se detém por cansaço. Mãos, braços, cabeças, pernas, rolando sobre o piso cimentado. De repente, ela diz:

— Zé, foi isso que a mãe teve? Foi isso?

Não fala mais. A curetagem chegou a ser tentada, pois a gangrena progredira rapidamente no fim de semana.

A firma pagou, sem discutir, o auxílio funeral. E até se lembrou de mandar uma coroa, porque Joseli era uma funcionária antiga nos seus 22 anos.

Para Deputado Federal

PMDB

PINHEIRO MACHADO NETTO

Governador SIMON

Assembléia da cooperativa

A Diretoria e os Conselhos de Administração, Fiscal e de Edição da Cooperativa dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre marcaram para o dia 11 de dezembro, às 9 horas (um sábado), a data das eleições para renovação de seus quadros administrativos.

Os balanços e livros contábeis da Coojornal estão à disposição dos associados interessados na sede, à rua Comendador Coruja, 372, para os esclarecimentos que desejarem.

Na mesma reunião que definiu a data das eleições, a Diretoria e os Conselhos também fixaram as quintas-feiras, às 9 horas, para reunião abertas a todos os associados, na sede, para esclarecimentos sobre o processo junto à Diretoria e Conselheiros.

A Diretoria lembra aos associados que é fundamental que estejam em dia com o pagamento de suas quotas até a data das eleiçõs para terem direito a votar.

O jornal está envelhecendo?

O avanço do rádio e, especialmente, da televisão como veículos de informação tende a fazer desaparecer os jornais? Não, não acredito nisto, embora o assunto já comece a preocupar alguns de nossos teóricos de comunicação. O que é inevitável é uma redefinição das funções de cada um destes veículos.

Dois episódios recentes marcam bem a urgência desta reavaliação. Durante a Guerras das Malvinas, por exemplo, nossos jornais iam para as bancas com manchetes completamente "caducas". Quando a Zero Hora abriu uma manchete de capa sobre o afundamento do Cruzador Belgrano, o assunto já tinha sido noticiado pelos rádios e telejornais do inicio da noite e até analisados pelos rádios e telejornais do final da noite. O desespero dos editores chegou a tal ponto que a Folha da Tarde em um das suas edições simplesmente se limitou a abrir a seguinte manchete "Malvinas"Uma saída editorial talvez, mas que certamente não deve ter contribuido para aumentar a venda de jornal nas bancas.

Outro exemplo? No mês de setembro um Correspondente Renner da rádio Guaíba foi ao ar as nove da manhã com a notícia do embarque Arafat para a Tunisia, abandonando o Líbano. O Milton Jung lia as informações do discurso emocionado de Arafat, de seu aceno final do navio que partia e dos tiros para o ar dos guerrilheiros palestinos e esquerdistas libaneses. Minutos depois o mesmo locutor lia as chamadas da Folha, que ainda estava sendo colocada nas bancas. A mais forte era: "Arafat pode abandonar Beirute nas próximas 48 horas".

Mais do que um problema de velocidade, a televisão no Brasil tem se desenvolvido pela ocupação de espaços vazios. Num País de analfabetos e de dimensões gigantescas é fácil entender as dificuldades de expansão da chamada midia imprenssa. Imaginamos como é dificil entregar um jornal para alguém que mora no interior da floresta amazônica, do sertão baiano ou mesmo aqui, em Porto Soberbo, interior de Três Passos. Esse problema de circulação é resolvido pelo rádio e a televisão em poucos segundos, através de impulsos eletrônicos capazes de chegar a qualquer brasileiro que tenha um aparelho receptor.

Negar simplesmente estes veículos, como fizeram alguns intelectuais tupiniquins, durante algunm tempo é algo que, felizmente, está ficando no passado. Afinal, ninguém critica a máquina de escrever ou a caneta por um mau texto.

É preciso portanto que todos os envolvidos com a mídia impressa, desde os empresários do setor até os que escrevem e distribuem, discutam novas saídas. Acredito que os jornais tendem a seguir um caminho mais analítico dos fatos, trabalhando quem sabe em conjunto com os veículos mais ageis. Ainda durante muito tempo os impressos deverão conservar a liderança em função documental ou da maioria da comunidade. E por enquanto ainda são os jornais que tem maiores possibildades de tratar de assuntos polêmicos. O controle de concessões, o que não existe para os jornais.

E, antes de mais nada, é preciso encontrar formas de superar o controle dos anunciantes. Existem empresas no Brasil que na prática poderiam fazer qualquer coisa sem receber crítica. Um caso já considerado clássico ocorreu na década passada quando o todo poderoso presidente do Bradesco, Amador Aguiar, criou uma espécie de estado dentro da Grande São Paulo. Ele isolou uma área na Grande São Paulo, maior do que algumas cidades brasileiras e lá dentro só ficavam os que se comportassem de acordo com certos padrões morais, determinados evidentemente pelo próprio Aguiar. Embora o assunto tenha preocupado até setores das Forças Aramadas não mereceu uma linha nos jornais da chamada grande imprensa nacional. Afinal a conta do Bradesco não é de se desprezar.

(Broderick Carlos)

Trapalhadas e Bumbum da Gretchen: o que o público quer ver?

Por Luiz Carlos Merten.

Um dos filmes brasileiros mais bonitos dos últimos anos ficou em modesto décimo lugar na lista dos dez nacionais mais rentáveis nos doze meses entre agosto de 1981 e julho de 82: **Eles Não Usam Black-Tie** (fonte: Embrafilme). Em compensação, o humor dos Trapalhões e o bum-bum de Gretchen dispararam para a liderança absoluta das bilheterias no Brasil, no mesmo período. Os Trapalhões deram-se o luxo de ocupar o primeiro e segundo lugares da lista com **Os Saltimbancos Trapalhões** e **Os Vagabundos Trapalhões**. Logo depois deles veio Gretchen com **Aluga-se Moças**, assim mesmo — **Aluga-se** e não **Alugam-se**, inclusive porque o compromisso do filme não era com a correção de linguagem e sim com a promessa (cumprida) de mostrar em cores e bem grande o traseiro que a TV só sugere dentro dos lares.

A grande surpresa na relação das maiores bilheterias do ano é ver, afinal de contas, como o cinema brasileiro comanda os destaques. Não apenas os Trapalhões e Gretchen são recordistas de público nos cinemas brasileiros, como também a lista inclui propostas de erotismo mais elaborado, embora nem por isso necessariamente mais bem sucedidas: **A Mulher Objeto** e **Luz Del Fuego**. O filme estrangeiro preferido do público foi **Caçadores da Arca Perdida**, que ficou em quarto lugar na relação das maiores rendas, depois dos Trapalhões (dois filmes) e de Gretchen.

Há 20 anos atrás, na eclosão do cinema novo, o sonho era de um cinema nacional e popular, capaz de triunfar nas bilheterias e participar no processo de conscientizaçao do nosso povo. Houve uma época em que os filmes nacionais quase se tornaram malditos. devido a pesquisas de linguagem e política estranhas ao grande público. Hoje, o cinema nacional lidera as bilheterias no próprio país. Resta saber se essa indústria das Gretchens e dos Trapalhões é o bom cinema que gostaríamos de ver triunfando ou se o cinema nacional exigido pelo atual momento politico brasileiro é aquele que ainda está em décimo lugar na preferência do público.

Luiz Edurado Achutti

Gretchen: traseiro superstar.

Cinema e Autoritarismo

Henri Verneuil é um cineasta de origem turca. Seu verdadeiro nome é Achod Malakian, mas ele se tornou conhecido na França como Henri Verneuil, primeiro assinando uma série de comédias com Fernandel, nos anos 1950, e ultimamente assinando outra série de aventuras com Jean-Paul Belmondo. Dele, os críticos costumam dizer que se trata de um artesão, e o artesão, já dizia Godard, é o funcionário da arte. Mas o artesão Vernueil é capaz de boas surpresas, como o policial **A Serpente**, onde ele fez uma intrigante incursão pelo mundo da espionagem, ou então **I Como Icaro.**

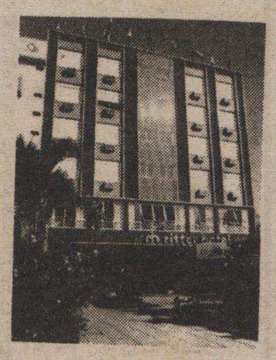
Esse é um cinema de ator, na medida em que Vernueil sabe se servir da presença, da popularidade e da imagem que um ator cria em torno de si. Em **I Como Icaro**, o ator é Yves Montand como um promotor insatisfeito com o resultado de um inquérito e disposto a reabrir sozinho as investigações sobre o assassinato do presidente Marc Jary. Na origem do filme está o assassinato do presidente John Kennedy, mas também está o tipo de herói criado por Yves Montand, principalmente nos filmes que ele fez com Costa-Gavras: Z, A **Confissão** e Estado de Sítio.

Quando o filme se inicia, observou muito bem o crítico José Carlos Avellar, Verneuil dirige a imagem num movimento de zoom para o rosto de Montand (no filme ele se chama Henry Volney, um trocadinho de Verneuil com seu próprio nome). E busca não a captação do personagem, mas a captação do ator mesmo, porque nesse tipo de cinema há uma espécie de cumplicidade entre o espectador e o ator. A partir da simples presença física de Yves Montand, o público já sabe o que esperar do Volney. E Verneuil então conduz o filme como o espectador espera, pelo menos até a cena do instituto de psicologia. Essa cena é decisiva em I Como Icaro e divide o filme em dois.

O instituto fez testes com o assassino do presidente e o que Verneuil coloca em discussão, a partir daí, é um sistema de obediência à autoridade. Discute-se uma relação autoritária dentro da sociedade. Como escreveu Avellar: num sistema autoritário, as pessoas podem ser levadas a pensar, agir e sentir contrariamente aos seus princípios, desde que o poder desintegre a ação em mil pequeninas funções precisas e sem um significado aparente, além da própria mecânica do gesto. Cada pessoa se ocupa só da sua pequena atividade, perde o contato com o todo e aí é que está o problema: o poder fica com o controle desse todo, passando a comandar todas as pessoas.

Essa relação autoritária pode ser transposta da sociedade como um todo para o próprio cinema, como agente reprodutor do poder. É o que diz Verneuil no seu filme. A primeira parte joga com aquilo a que o público está acostumado, numa relação até mesmo autoritária da imagem. Na segunda parte, a partir da cena no instituto de identificação, muda o enfoque e o diretor Verneuil passa a discutir as relações entre o Estado e o cidadão, relações que se dão num nivel de autoritarismo, seja através de filmes ou de gestos mais claramente políticos. O Ícaro do título é o herói da mitologia que vôou muito alto e derreteu suas asas ao aproximar-se do sol. Verneuil compara o sol à busca da verdade nas sociedades modernas e constrói uma narrativa que só não vai agradar e surpreender aqueles que perderam o gosto do cinema (e da verdade política).

PORTO ALEGRE
Classe "A"



rh ritter hotel

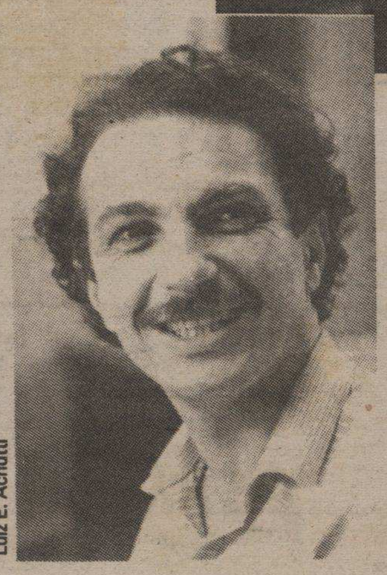
GARAGEM PRÓPRIA
Largo Vespasiano Veppo, 55
-defronte a Estação Rodoviária-
FONE (0512) 21.8155

DELPHUS®
COMPLETE SUA OBRA DE ARTE
COM UMA MOLDURA
DE ALTA QUALIDADE.
A DELPHUS COLOCA A SUA DISPOSIÇÃO
A EXPERIÊNCIA E A ARTE DE SEUS PROFISSIONAIS.
CRISTÓVÃO COLOMBO, 1.103 - FONE 22.32.32 - PORTO ALEGRE — RS

O sucesso do Analista de Bagé, visto por um psicanalista gaúcho

Roberto Silva

Slavutzky: analisando o humor do Analista



Luiz E. Achutti

Ele é prepotente e despreza o inconsciente, mas faz o melhor humor sobre o assunto

O novo livro de Luiz Fernando Veríssimo, **Outras do Analista**, encaminha-se para repetir o sucesso do primeiro analista. No Rio, já estreou a peça, com Paulo César Pereio interpretando o analista. O sucesso do personagem de Veríssimo motivou o psicanalista gaúcho, Abrão Slavutzky a incluir em seu livro **Psicanálise e Cultura**, a sair no início do ano que vem, no final do capítulo intitulado O Humor e o Inconsciente, uma reflexão sobre a receptividade do Analista de Bagé junto ao público. Ele também escolheu o tema Analista de Bagé no Divã: reflexões psicanalíticas para sua conferência no simpósio Alternativas de Espaço PSI (*).

Slavutzky, que é membro do Iepes e representante da Revista do PMDB afirma que o **O Chiste e súa Relação com o Inconsciente** é talvez o livro menos lido de Freud, segundo seu biógrafo oficial, Ernest Jones. "O Chiste, publicado em 1905, revela um Freud que gostava e estudava há tempos as piadas", diz Slavutzky. "É impressionante a quantidade de chistes que contém este longo e difícil livro."

"Sem dúvida, a essência do humor consiste em que o sujeito economiza os afetos que a respectiva situação teria provocado normalmente ", afirma o psicanalista gaucho, citando Freud. Para Slavutzky, "o humor não só tem algo de libertador, senão também tem algo de grandioso e exaltante." E acrescenta: "Não é só resignado, senão rebelde, não somente significa o triunfo do ego, senão também do princípio do prazer que, no humor, consegue triunfar sobre as adversidades das circunstâncias reais. Ao rechaçar a possibilidade de sofrimento, ocupa um lugar na longa série de métodos que o aparelho psíquico humano desenvolveu para escapar do sofrimento."

O psicanalista gaúcho acha importante que o analista tenha senso de humor: "Às vezes há uma tendência a que os tratamentos sejam desenvolvidos, quase esclusivamente, em clima sério, pesado e de muito sofrimento. A cada sessão pode estar se jogando a situação de quem manda e de como o paciente é resistente às interpretações." Sobre o Analista de Bagé, Slavutzky escreveu:

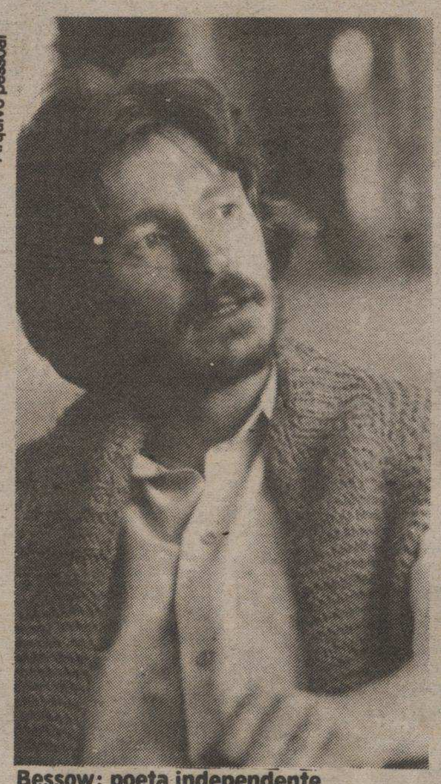
O personagem criado por Luiz Fernando Veríssimo é o analista mais lido do país. Talvez seja o melhor texto de humor sobre psicanálise conhecido até nossos dias. Na Argentina, Caloy fez um excelente humor em quadrinhos, mas textos como o Analista de Bagé quase não existem. O Analista de Bagé é a contrapartida de um outro personagem de Luiz Fernando Veríssimo, o detetive Ed Mort. Este é o símbolo da importância, da derrota e, em geral, está sempre em má situação. Já o Analista aparece como símbolo da prepotência, do macho gaúcho, forte, decidido e ganhador.

Por que provoca o riso? São vários os fatores. O analista discute com seus pacientes a nível consciente o tempo todo, um contraste com a realidade, pois a psicanálise busca interpretar o incosciente para fazê-lo consciente. Busca resolver tudo rapidamente, em uma sessão, ou em poucos minutos. E os casos mais leves é a própria secretária, Lindaura, quem resolve. Esta é uma crítica aos tratamentos psicanalíticos intermináveis. A violência, através da técnica do joelhaço se bem que agressiva, dá uma dimensão humana, pois busca ajudar como pode. O Analista serve mate e evita frescuras.

Um dos fatores importantes do humor do Analista de Bagé está em que ele resolve situações difíceis em poucos minutos e desvaloriza o dramatismo dos graves conflitos expostos pelos pacientes (ou seja, o público leitor, em certa medida). Alivia os seres humanos através da simplificação quando manda, por exemplo, para resolver o Complexo de Édipo, ir pa a "zona" e que deixe a véia. O Ana a de Bagé, ao desconhecer a dimensão do inconsciente, encobre uma ferida da Humanidade que é este nível desconhecido pelo homem. Como foi escrito, o humor consiste numa economia de afetos, que a respectiva situação poderia provocar normalmente, iludindo, mediante o humor, a possibilidade de semelhante despreendimento emocional. A simplificação desafoga e relativiza o drama humano.

O personagem de Veríssimo critica a Psicanálise e a valoriza. Ironiza e critica, por exemplo, o poder do analista e o tempo de tratamento, mas é, ao mesmo tempo, expressão da presença da psicanálise na cultura. No fundo, o Analista de Bagé busca superar os psicanalistas através de uma técnica (a do joelhaço) mais rápida e eficaz e este também é um dos fatores de seu merecido sucesso.

O escritor novo e o complicado mercado editorial



Arquivo pessoal

Bessow: poeta independente

Publicando de forma independente, Alfredo Roberto Bessow, neste seu terceiro livro, edifica, segundo Antonio Hohfeldt, uma poética "feita não de certezas, mas de seus contrários", falando de um tempo que em si só já é a própria configuração da crise e as várias nuances que ela atinge. Neste "Engenheiro de Sonhos", o autor intenta a crença de que é necessário ser feito algo no sentido da rebeldia, instigando-lhe a negar a continuidade de determinadas verdades.

Neste depoimento prestado ao **Coojornal** o autor fala das dificuldades do autor novo para publicar de forma independente:

"**Engenheiro de Sonhos**" é bem mais do que um título que deixa implícito de que algo está sendo construído. Para alguns o amanhã é utópico, para outros, ele é palpável no sentido de que existe a crença em tudo que está sendo feito. O amanhã será possível porque para muitos ele é uma questão inadiável. O **Engenheiro** é o retrato de um caminho, é a proposta de um fazer. Os poemas do livro têm um compromisso muito grande com o homem que vive acondicionado em embalagens que buscam defini-lo, menos do que homem — um número das tabelas estatísticas. A leitura deste livro é um exercício de revolta e de lirismo, a segunda vivendo no contexto da primeira e esta num sentido de amanhã.

"Àqueles que esta proposta soar por demais trágica, eu tenho de responder que é covardia não ser trágico, num tempo em que tantos, armados de poder, cometem genocídios que na história se perpetuarão como dos mais nefastos momentos da humanidade. O "ser trágico" é decorrência de um período, e não é evitando buscar neste contexto o substrato formador do poema, para ser trabalhado enquanto poesia, principalmente se ela der ao homem a condição de, questionando-se, buscar, uma vez mais, intentar a dura e árdua jornada no sentido da construção do amanhã. Esta poesia tem condições de dar ao homem a dimensão de definidor de seu próprio tempo.

"Infelizmente a cultura em termos nacionais, transformou-se em objeto de luxo. Vivemos uma cultura que não aceita ter os seus valores questionados. A elitização da cultura criou um novo tipo de pensador, em termos nacionais: um pensador, com larga freqüência nos meios de comunicação, sem idéias. Este "novo intelectual", criado por um projeto cultural alienígena, esparrama sua verborragia sobre o marasmo cultural de uma parcela cada vez maior da população. A cultura, no atual sistema, é apenas e tão somente computada como uma despesa que precisa ser diminuída. O sistema eximindo-se dos encargos culturais, deixa que particularmente a explorem e a transformem em produto condicionado à lei da oferta e procura. Todo aquele com condições financeiras suficientes, pode aculturar-se — de preferência em outras culturas, cuidando, de todas as formas, para não duvidar dos valores definidos como verdadeiros.

"Neste contexto, o livro ocupa um posto insignificante. Os autores novos acabam sem opção no sentido de publicação de seus trabalhos. As editoras não investem, pelo incerto retorno, e tanto o INL, quanto o IEL, o primeiro burocratizado e com poucas perspectivas aos novos autores e o segundo mais preocupado em não preocupar-se com a cultura — a soma destes fatores leva o autor desconhecido a publicar-se. E os equívocos, quanto a qualidade do texto e até mesmo quanto a apresentação da obra, são os mais variados. Assim, acredito que publicar de forma independente é um compromisso bem mais sério do que a muitos quer parecer. No atual estágio, não pode ser visto com bons olhos aquele autor que escreve apenas por vaidade pessoal. Escrever é um compromisso do homem com a sua cultura e o seu tempo. Fora disso, quer me parecer ingenuidade pensar em transformar esta triste realidade que aí temos.

"Em termos de poesia, e mais diretamente a relação é com o "**Engenheiro de Sonhos**, eu parto do princípio de que toda e qualquer palavra tem determinado valor dentro do contexto ideológico e cultural que vivemos. Neste sentido, a palavra precisa ser trabalhada com objetivos vários: poeticamente dentro da poesia, e ideologicamente para todos aqueles que lerem o livro. É o que eu chamo, costumeiramente, de instrumentalização. Instrumentalizar a palavra de tal forma que possibilite a dúvida, o questionar e, o que é mais importante, o convite ao convívio do texto com os homens.

"O **Engenheiro** é um livro cuja proposta básica é a soma dos nossos sonhos, nossas experiências, nossos medos, nossas angústias e nossas certezas, para, convictos de e em tudo aquilo que acreditamos, continuarmos com os nossos anseios de um novo tempo."

edgar vasques.

ARREGLUB

edgar vasques

EI, QUE QUE TÁ HAVENDO AÍ?

REUNIÃO DA EXECUTIVA!

VÉIO DICA, BEU CONSULTOR, EM CASO DE VITÓRIA DAS OPOSIÇÕES, COBO É QUE O PARTIDO ENTRARIA NUBA FUTURA COMPOSIÇÃO?

JÁ ESTÁ TUDO PENSADO! OS MILITANTES DA BIRITA NÃO SERÃO OBSTÁCULO A NENHUMA COMPOSIÇÃO RAZOÁVEL...

...BASTA QUE NOS DÊEM O PRÓ-ÁLCOOL!

11/82

DIGERIR OU NÃO DIGERIR...

edgar vasques

11/82

MIAAU

CARAMBA! JÁ OUVI ESTÔMAGOS RONCANDO, PERO MIAR!

PIU PIU PIU

PERO AFINAL, QUE ES ISSO?!

CRISE DE IDENTIDADE!

AU AU